

ESSENCIALISMO

CONHECER

Ensaio Essencialista – 04

Fevereiro 2009

Régis Alain Barbier

Conhecer

Conhecer

Literatura - *Exercício de aplicação do eixo de perspectiva metafísica cosmo-existencial, fundamento profundo do essencialismo como movimento e sistema filosófico*

Composição em construção – pré-publicação.

Reproduzir com permissão. Citar como:

Barbier, R. A.; Das formas de conhecer; 2009: Artigo internet – www.essencialismo.org.br

CONHECER

Sabedoria é bem considerar o que se deve conhecer; conhecer é escolher como se descrever, vivenciar a sua descrição e exercitar a sua palavra. 'Sábio' pode simplesmente ser e se reconhecer como natureza universal.

Absoluta é a unidade indiferenciado cuja fronteira intuitiva e metafísica é experimentável, relativa é à distinção: isso é vivência fenomenológica radical.

Conhecer

Conhecer

CONHECER

SUMÁRIO:

I - O PROBLEMA GNOSEOLÓGICO	7
1.1 <i>Da natureza do bom senso - postura filosófica básica.....</i>	7
1.2 <i>Humor e conhecimento como unidade formativa</i>	9
1.3 <i>Saber: o quê?</i>	11
1.4 <i>Saber: como?</i>	14
1.5 <i>Da imediatidade do fenômeno cosmo-existencial.....</i>	18
II - DA QUESTÃO PRIMORDIAL.....	24
2.1 <i>Doxa e paradoxo</i>	24
2.2 <i>Do mito da desorientação essencial.....</i>	25
III- O GÊNIO INSPIRADOR DOS SELVAGENS	34
3.1 <i>Dos ecos do Logos nas cavernas de si'.....</i>	34
3.2 <i>Das escolhas do ser</i>	36
3.3 <i>Criatividade, arte de contemplar e escolher.....</i>	39
3.4 <i>Ressurgindo a luz natural da razão</i>	42
IV - DO BOM CONHECIMENTO.....	46
V - DAS FORMAS DE CONHECER.....	60
5.1 <i>Forma conjuntiva de conhecimento</i>	62
5.2 <i>Forma imperativa de conhecimento</i>	68
5.3 <i>Forma autonômica de conhecimento.....</i>	72
5.4 <i>A forma autoconsciente de conhecimento</i>	74
5.5 <i>Forma filosófica de conhecimento.....</i>	77

I - O PROBLEMA GNOSEOLÓGICO

1.1 Da natureza do bom senso - postura filosófica básica

Aderências passionais a sistemas de crenças, ideologias e tradições, a entrada em ações de psicologismos, ilustram como pendores singulares e apegos podem moldar a esfera do entendimento e da percepção. Distorções relativas à interpretação de eventos ou assuntos, a renitente recusa em considerar outras opções e posições, denota compromissos velados, afiliações preconceituosas - o cultivo obsessivo de tradições e sectarismos. A história das pessoas e dos povos demonstra a interferência desses fenômenos afetivos na aquisição de conhecimento e sabedoria; a influência desses determinismos e preconceitos é inevitável, sendo parte da maioria uma vigilância constante no sentido de guardar uma justa medida: a prudência, o desapego, cultivando uma boa intenção e abertura para analisar todos os pontos de vista, é o traço de caráter apto a prevenir essas sensaborias.

Existindo uma problemática, ela não estará locada na natural interpenetração cognitiva das memórias, juízos, sentimentos ou preconceitos, mas, sim, nas qualidades dos sentimentos e equilíbrio das funções fisiológicas, no grau de ponderação, exatidão metafísica e ética, variando entre extremos existenciais e pendores: sabedoria e virtude, versus ignorância e vício. Como divulgado por Kierkegaard (1813-1855), a curiosidade indagadora, por necessidade, emana enraizada em sentimentos, juízos e atos: nessa construção do sentido existe uma interatividade aditiva resultante de todos os talentos do estado-de-ser. Afirmar, num racionalismo ectópico desprovido de sutilezas e nuances, que sentimentos se intrometem na construção do *'sentido filosófico*

Conhecer

puro’ provocando distorções, sinais espúrios, perturbando a realização do ‘verdadeiro e absoluto entendimento’, alude a um modo preconceituoso, engajado e excêntrico de vivenciar e conhecer, uma afiliação acadêmica derivada, em sintonia com teleologismos típicos do molde cognitivo estigmatizado como ‘platônico’¹ e subsequentes desdobramentos teológicos medievais. Imaginar ser possível construir uma filosofia adequada a partir de ideias e logicidades pretendendo uma elaboração isenta de interferências afetivas, rigorosamente arquitetadas ao longo de um esforço educativo monitorizado e sistematizado, livre de prévias escolhas intuitivas, é um cisma fortemente estruturado: negando a natureza como ela é, não reconhecendo o artificialismo da estrutura pedagógica direta que aponta um modo de ser e conhecer coligado a sentimentos narcíseos dirigidos ao intelecto: uma tentativa historicamente persistente de evitar o confronto afetivo com o âmbito eco-humanista mutante e repleto das efemeridades e incertezas típicas do estado-de-ser.

Configurações antecedentes, sentimentos vagos, não ditos – ‘sentir-se estranho e exilado num mundo assustador’ - subjazem e formatam uma predisposição existencial que motiva extrapolações, processos reativos, formações cognitivas defensivas e confabulações feitas de esperanças e estruturações acríticas, como: 1) crer na existência de uma fonte positivamente definida de conhecimento absoluto; 2) presumir um propósito transcendente e fundamental; 3) objetificado e concretizado em algum lugar suprafísico, mas, de alguma forma, acessível, 4) cuja

¹ Se bem que o ‘mundo das ideias’ pode ser interpretado como metacognitivo, aquetípico além de supernatural.

² Superestratificação: situações sociais hierárquicas e polarizadas típicas dos estado-nacionais; se demonstrando entre grupos sociais diferenciados quanto ao seu poder político, prestígio social ☞

direção seja indicada por autoridades divinas, boas e protetoras. A realidade do estado-de-ser individualizado, sua mundanidade, emoções e sentimentos, angústia, eventual serenidade, flexionam as especulações filosóficas, desde os antropocentrismos mais primitivos, idealismos absurdos e ectópicos, até magníficas cosmovisões.

1.2 Humor e conhecimento como unidade formativa

Desde os primórdios, na ontologia e filogenia, desenham-se conhecimentos, compartilhamentos cognitivos, acordos ou desacordos, por aproximação, conferidos através de gestos, imagens e sons significativos. Essas construções poderão gerar e demonstrar: 1) clareza, entendimento, harmonia e paz, ou, 2) ambiguidade, desentendimento, desarmonia e rixa. Não há sinais de algo transcendente *a priori*, dado a ser decodificado como ondas de rádio, algum binômio superior e maniqueísta, duas estações emissoras: ‘radio harmonia’ e ‘radio desarmonia’ - há formações processuais e comunicações entre nós e o que é outro, evocando semelhanças e não estraneidade radical, com resultantes entendimentos ou desentendimentos e possíveis conflitos resultantes. Espaços comunitários amenos, intenção amiga e companhia, qualidade de escuta, receptividade, anuência com a existência, respeito profundo aos seus mistérios, tolerância, são necessários à construção do bom conhecimento.

O reconhecimento das fronteiras filosóficas – possível nos âmbitos libertos de desequilíbrios passionais, mitificações rigorosas e tradições

culturais superestratificadoras² - permite confrontar as limitações naturais da razão à luz de entendimentos existenciais singelos e claros, possibilitando a formação de um espaço comunitário de escuta e receptividade, onde seja possível dialogar e conviver pacificamente: a serenidade contemplativa e meditativa, denota ser uma ferramenta e atitude necessária ao encontro da maior exatidão. Comunicações inadequadas, indutores de polarizações rixentas, emanam da imprudência, carência de bom humor e virtudes consequentes. Compartilhamentos cognitivos melhores e mais exatos, mais universalmente filosóficos e benéficos do ponto de vista biopsicossocial, emanam da prática da serenidade e curiosidade singela, evidenciando e fortalecendo fundamentos virtuosos e cardeais.

Se um modus de ser *faciendi*, *operandi* e *vivendi* sereno e virtuoso fosse cultivado, se houvesse cultura, não apenas arranjos civilizacionais prepotentes instituídos em intuições não reconsideradas, o mundo seria outro, talvez, inimaginável, na sua beleza, bonança e harmonia. Se uma multidão de sábios parece utópica, ao menos, haveria poucos indivíduos imaginando a necessidade de relações impositivas entre mandantes e mandados; a opinião geral, midiática, não seria, como tantas vezes o é em assuntos políticos e econômicos, porta-voz oficial e repetidora de tiranos coligados a estruturas de poder. A tecnologia monetária, sangue vital da praxeologia, certamente seria outra, fruto de um entendimento comunal a serviço dos seres e do ecossistema, não servindo a elites manipuladoras de recursos gerais e humanos (RH),

² Superestratificação: situações sociais hierárquicas e polarizadas típicas dos estado-nacionais; se demonstrando entre grupos sociais diferenciados quanto ao seu poder político, prestígio social e acervo econômico; originadas em procedimentos históricos de invasão e dominação, i.e. de posições vantajosas resultando de conquistas e subjugações ancestrais e transformados em direitos adquiridos e hereditários - o termo é introduzido e definido em Rüstow Alexander; Freedom and domination; Princeton University Press; 1980 – introduction.

Conhecer

através de um sistema dito *fiduciário*, lastrado em idealismos hipotéticos e intenções equivocadas, distúrbios emocionais e apegos crônicos, depressivos, atávicos, carências de foco, valores e sentidos.

Partindo do ânimo próprio, vitalidade seminal e consciência examinada, é que se pode elevar a voz, pensar e determinar escolhas na força dos bons juízos e na luz do sentido. Buscando serenidade à luz da razão qualificada, a profundidade da inspiração e intuição, aprende-se a diferenciar, como os antigos estoicos, o que de fato está no poder próprio e no arco do conhecimento possível, com sobriedade, operando um saber espontâneo, de acordo com o ritmo e harmonia da beleza e grandeza universal. Na aptidão de conhecer, toda feita de sentimentos e juízos examinados, construídos em comunhão com os filósofos exemplares e dedicados, que legaram e legam seus conceitos e atos subsequentes, gera-se um mundo onde é possível instalar-se como flores num canteiro. O grande jardineiro é o *Logos*, princípio magno e supremo de unificação.

1.3 Saber: o quê?

Conhecer implica duas dimensões: 1) uma dimensão técnica cuja finalidade é a obtenção de um estatuto sociocultural proveitoso, ofertando recursos e conforto; 2) a consecução de um saber gerador de sentidos profundos e realização. A fragmentação da universidade, a multiplicação, especialização progressiva e velocidade da renovação tecnológica em prol a um crescimento do consumo e mercados consumidores, consequentes processos de obsolescência, demonstram a eficácia do sistema educacional em ensinar utilidades pragmáticas,

assim como uma grave dificuldade em adentrar a esfera das necessidades essenciais e compreensão metafísica do estado-de-ser.

A dificuldade humana fundamental, exigindo aquisição de sabedoria, exemplificada por pensadores e leigos, consiste em entender a unidade dos opostos e complementários. Eis, uma lista de termos binomiais evocados em todos os textos de filosofia: consciência-universo; sujeito-objeto; ideal-real; fenômeno-coisa-em-si, sensibilidade-percepção; saber-experiência; ser-estado; ser-mundo; viver-mundo; céu-terra; espírito-matéria.

No âmbito de uma ponderação metafísica e de valores, considerando fundamentais as virtudes: integração, sintonia, sobriedade, unidade e verdade (rejeitando as desvirtudes antipodais como desunião e falsidade); portanto, ponderações direcionadas à realização de um estado-de-ser amoroso: quanto maior a aliança, aproximação fenomênica radical, cognitiva e existencial, entre os significados acima apontados, mais inteligente e significativa será a metafísica resultante, e vice-versa³. Cada grupo cultural constrói a sua metafísica em torno dessas estruturas antipodais, desafiantes, com maior ou menor aproximação, valor expressivo e foco.

Sendo a Metafísica a ciência mais estruturante do ponto de vista teológico-político, sociocultural, sociopolítico e socioeconômico o grau de inteligência e precisão de uma metafísica fundadora e perspectiva filosófica, poderá, indiretamente, ser medida pela virtude exercitada nas nações nos seus ordenamentos teológicos, culturais, políticos e econômicos (os quatro grandes ângulos do edifício nacional), ao longo dos seus momentos históricos: quanto mais virtude eco-humanista e

³ A aliança dos noivos e casados, um círculo, é igualmente símbolo de aproximação de opostos e complementários, apontando para uma vivência e um compartilhar cosmo-existencial.

harmonia societária, maior o grau de aproximação existencial entre os conceitos versando sobre a unidade dos opostos e complementários, isto é, mais profunda, exata e precisa a contemplação e entendimento, portanto, mais inteligente a sua metafísica. A paz e harmonia de uma cultura resulta da adequação e sensatez dos seus sistemas filosóficos, por sua vez tributários da intuição metafísica, perspectiva e mitos fundadores.

Os jônicos, até Sócrates, eram certamente mais exatos do ponto de vista metafísico, i.e., mais inteligentes que os clássicos subsequentes; os jônicos mais exatos que as hordas maniqueístas e destrutivas de Cirus II; os gregos em geral, infinitamente, mais precisos que os monges da escolástica, apologistas do absurdo, da subserviência e ignorância. Os jônios se debatiam com os conceitos arché-physis, binômio no qual os termos se aproximavam tanto quanto o ar adentra os pulmões; os helenos, com os conceitos ideia-mundo já necessitavam de uma cascata de complexidade para descer da ‘cavaliço’ ao ‘cavalo’, vindo de um fantástico ‘hiperurânio’ até ao chão da rigorosa e conflituosa hierarquia republicana; os escolásticos, ocupados com os termos espírito-matéria, precisavam de revelações antigas, de milhares de anos, elites ancestrais, inúmeras escrituras, versões, traduções, comentários, edificações monumentais, sofisticadas, intervenção divina, para transmitir, com infinita e assombrosa e apocalíptica pobreza, alguns ‘significados’, ou, quase, sempre, o contrário do que queriam dizer e intencionavam fazer, com todas as arestas fofosas, anátemas e rudezas notificadas pelos historiadores através dos séculos, e séculos – essa ‘santa ignorância’. Os modernos, meditando o ‘pensar-ser’, as res cogitans-extensa, pouco exigiam: Baruch de Spinoza, o banido, apenas um pequeno e alugado aposento suburbano, simples isolamento. Os

contemporâneos, contemplando o termo consciência-mundo, a clareza das delimitações e a fluidez do devenir, necessitam de campus, bibliotecas, congressos, obras enciclopédicas, ou menores. Todos nós⁴ exemplificamos, em historicidades e termos diversos, dificuldades evolutivas, esperançosamente decrescentes⁵, em realizar entendimentos mais profundos e imediatos do real.

1.4 Saber: como?

Em mais uma tentativa de exemplificar o feitiço, desenhamos alguma figura significativa, um signo evocando um referente e formado de letras: “*cheiro de jasmim*”. O hieróglifo correspondente a essa conjunção de letras e palavras poderia ser o desenho estilizado da flor do jasmim e alguma forma serpentina, vertical, ou em forma de nuvem, posta acima do desenho como se fosse um vapor, simbolizando: jasmim-perfume. Para, realmente, bem significar o que aqui simbolizou-se nesse leque de consoantes e vogais, termos de ir até um jardim, um canteiro onde cresce essa flor, inspiramos sentindo o aroma: pronto. Aqui está justamente comunicado o mistério fenomenológico vivo e real na magna ordem floral das essências e perfumes: essência-jasmim. Nesse experimento, evitamos e sanamos uma complexidade dicotômica similar à criada entre os conceitos acima listados: consciência-mundo, sensibilidade-percepção, saber-experiência, *et cetera*. O esclarecimento, que no exemplo exigiu um ato

⁴ Menos as crianças, alguns xamãs, e outros ditos surrealistas, alucinados – como Atonin Artaud e os Tupamaros - os jônicos antigos, Sócrates, Sêneca, epítetos, Hipatia, Buda, sábios lendários como Lao-tse e Tchuang-tseu, Jesus e, certamente, milhares não notificados.

⁵ O bom sucesso da adaptação eco-humanista exige a superação progressiva da dificuldade essencial.

e estado-de-ser, uma atividade, uma experiência, uma transcrição, sistema eficiente de comunicação e corpo funcional, realizou-se, com possível sucesso, o arco fecundante específico e necessário da existência e do esclarecimento – uma conjunção unitária inquebrantável.

O GUARDADOR DE REBANHOS (IX)

*Sou um guardador de rebanhos
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.*

*Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.*

*Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto.
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.*

Alberto Caeiro

O processo exemplifica a resoluta inconsequência de querer reduzir ‘o fenômeno’ a um entendimento reflexivo racional, lógico e gramatical, talhando uma dicotomia inexistente entre um ‘sujeito’ e uma ‘coisa-em-si’. Aqui está, exemplificado simplesmente, o ponto chave da mistificação que perdura desde o medievo: trata-se de uma inacreditável redução, progressivamente instalada na complexidade ignorante promovida do interior de uma metafísica vaga ao extremo, que exigia para fazer sentido - e ainda exige aos adeptos remanescentes

– divorciar-se, em celibato, da fonte do sentido, da experiência de onde se talha o saber (do lat. *sapere*, ‘ter gosto’; ‘ter sabor’, ter bom paladar, ter cheiro, sentir por meio do gosto, ter inteligência, ser sensato, prudente, conhecer, compreender, ‘saber’). Implícito está: 1) contato, relação; 2) sensibilidade estética; 3) experiência, mais: 4) imaginação e aptidão em abstrair (contato, sensibilidade, experiência e imaginação) são os fatores cognoscitivos relacionados e necessários a um justo entendimento do processo existencial.

Contato, sensibilidade, experiência e imaginação são reinstaladas⁶, de chofre, numa forma de *redução-fenomênica* – antípoda ao conceito de redução eidética - onde o que de fato se reduz é o hábito cognitivo reducionista de evocar como se fosse concretude o que é hipotético - tanto o idealismo-realismo quanto o materialismo, todos os teologismo⁷. Nesse caso, redução-fenomênica não significa entender a ideia na consciência-sujeito, em si mesmo: isso seria idealizar dicotomias ponderando na direção inversa da ‘coisa-em-si’, aprofundando o gap. Reduzir, neste sentido, é deixar, ao menos um minuto, o inveterado hábito de elevar a valor existencial delimitativo partículas dissociativas do tipo contrações [no], advérbios [aquém, junto, além], preposição [entre], conjunções [e] pertencentes à ordem dos signos da linguagem. *Em si*, o leque de símbolos (no, junto, além, entre, e, etc.) não honra, nem faz conhecer, ou saber, as analogias sugeridas: a analogia acontece de chofre, reduzindo (removendo) as

⁶ Esses fatores cognoscitivos foram banidos e marginalizados no medievo, porque, naturalmente, coligavam a consciência ao real, ao mundano e ao cósmico, em vez de atrelá-la, como desejado pelos sacerdotes vivendo de mediações, representações e ilusões, ao ‘sobrenatural’ (epistêmica fantástica, agregado fantasioso de receios e abstrações ilógicas, assentadas sobre estruturas neuropsicobiológicas insanas, dissociadas por agressões).

⁷ A *fé* exigida na acreditação plena das ideologias materialistas, do ponto de vista das profundezas metafísicas, é similar à *fé* exigida para se crer na teoria da originação sobrenatural e da salvação.

partículas, o que permite a transmutação dos binômios num fluxo integrado, sagital, rompendo as distinções hipotéticas, vertendo, com reciprocidade, consciência-existência do vazio.

Apenas a arte do uso pleno e rico da cognição, indígena, natural, permite conhecer o real – conhecer à luz da razão natural. O uso artificioso, da cognição, uso condicionado, batismal, educado nas bancadas escolares, divãs consultivos e nos paradigmas dualistas, redutores, típicos do eixo de perspectiva dito transcendente-transcendental, não permite, nem ensina conhecer e saber espontaneamente; apenas tentativas de compreensão, por isso, exigindo orientações e eticidades categóricas e normativas, desprivadas de substancialidade, ou essencialidade, de saber.

O uso judicioso, conjunto e ponderado da cognição é fundamental na aquisição do conhecimento e saber, na ruptura das hipóteses ou ideologias operantes através da cultura, inseridas como modo epistemológico similar-análogo, usurpando o foco genuíno, natural e verdadeiro da atenção. Uma desintoxicação filosófica é possível, exige o exercício pleno e liberto da cognição (contato, sensibilidade, experiência e imaginação); nesse processo, a base é a aquisição da arte de bem simbolizar, ou a arte de gerar pressupostos, transmissores existenciais válidos, eficientes, sensíveis e ricos em conectividade, tais como: imagens, formas míticas revestidas de esteticidade. Simbologia apta a engrenar e ativar sentimentos, despertar a sensibilidade sem romper o fluxo criativo, poético, evolutivo e sutil, na ativação automática e indesejada da racionalidade lógica e pragmática parcialmente compartilhada com máquinas e mecanismos, motivando a dissociação do que é, do que deve e só pode ser, em dois campos simplistas, o das ‘representações’, superpostas a uma ‘coisa-em-si

hipotética’, assim gerando a episteme que denomino ‘*episteme representacional*’ que sustenta esse global e falacioso processo civilizatório destinado ao fracasso.

O conhecimento essencial, humano por excelência e filosófico, só pode-se dar, e ser bem-sucedido, quando a primeira discriminação, mais basal e inata, não se processa induzindo e educando a dicotomizar, mas encorajada a reconhecer, como tende a ocorrer em ambientes relativamente serenos, a distinção em-si como relativa, simples interface dialógica⁸: absoluta é a unidade indiferenciado cuja fronteira intuitiva e metafísica é experimentável, relativa à distinção: isso é vivência fenomenológica radical.

1.5 Da imediatidade do fenômeno cosmo-existencial

No âmbito dessa ponderação metafísica e de valores, considerações fenomenológicas como as de Husserl, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Jaspers, e Scheler são mais abrangentes, senão exatas, por expor a realismo-materialista [rm] e o idealismo [id] - e, por extensão, a totalidade da teologia dualista [td] – como meros paradigmas hipotéticos⁹: extrapolações sofisticadas em relação aos atributos da cognição plena, sagital e centrada quando devidamente considerada, com inclusão da razão e bom senso filosófico¹⁰. Extrapolações e carência de bom senso filosófico que ocorrem, igualmente, nos dois extremos - ou polos [(rm) v. (id & td)] - do eixo do transviamento

⁸ Nessa caracterização operacional da vivência fenomenológica propriamente dita, está sendo descrita tanto o que ocorre na consciência quanto na neurologia; trata-se de uma reabilitação, um progresso evolutivo.

⁹ Portanto, *in totum*, teóricos e idealísticos.

¹⁰ *Bom senso filosófico* como atividade cognitiva integrada e natural, conjugando os “intelectos”.

civilizacional, por exercitar sem ponderação os artificialismos educacionais e reducionismos cultivados no cientificismo, aplicando logicismos sem reserva e fora do âmbito dos dados matematizáveis e concretos. Uma carência onde o bom senso é substituído por uma reconhecida absurdez¹¹: atribuir à inefabilidade uma substancialidade hipotética onde apoiar o conceito falacioso da ‘coisa-em-si’, com efeito um anticonceito que destroça a intuição, ou inteligibilidade profunda, e sustenta a possibilidade de atribuir ao ignoto a virtude de manifestar realizações decretadas por uma entidade superior de poder absoluto, radicalmente alheia, sobrenatural e normativa, representada por elites afeitando estatuto de diplomatas dessa entidade transcendente, esotérica e oculta¹².

É imediatamente evidente, intuitivo e racionalmente decorrente, que as considerações dos precursores acima citados, assentam numa perspectiva filosófica, ética e metafísica, específica, divergente da metafísica piramidal inscrita no eixo transcendente-transcendental, berço necessário e estrutura profunda dos cientificismos, fysicalismos, socialismos, teologias, economia fiduciária, normatividades éticas, categóricas, imperativas, determinadoras da estruturação sociocultural e socioeconômica atual, global e vigente. A inadequação e carência de razoabilidade, à luz da razão simples, do enquadramento metafísico dualista moderno, eminentemente kantiano, sustentáculo ideal indispensável das religiões de massa e configurações políticas tirânicas,

¹¹ *Credo quia absurdum* - Frase de Tertuliano, atribuída a Santo Agostinho, por ele notificada, com o sentido de que a fé deve dispensar toda a compreensão, evencendo o sentido profundo e genuíno da filosofia, destruindo a sua raiz.

¹² Atribuir uma expressividade voluntária, similar à humana, mas divinizada, consoladora e protetora, à inefabilidade impreterível relacionada aos aspetos ontológicos da realidade, agrava em antropologismos exacerbados todos os egocentrismos, anseios e tribalismos, dificultando o predomínio da razão, a prática e ensino das virtudes filosóficas e bom senso.

contrasta com a evidente, efetiva e imediata sensatez da metafísica essencialista de perspectiva cosmo-existencial, fundamento da antiga filosofia¹³, contraponto que ressurgiu, implícito e latente, senão declarado e delimitado, no desdobramento existencialista do insight

¹³ Essa cosmovisão unitária, definidora do estado-de-ser, humano, historicamente, desponta em diversas estruturas: na cultura chinesa, doutrina mística e filosófica formulada no sVI a.C. por Lao-tse (séc. VI a. C.) e Tchuang-tseu (séc. IV a. C.) que enfatiza a integração fenomênica do ser humano à realidade cósmica primordial (Tao; o Caminho - cuja noção fundamental nomeia o grande princípio de ordem universal, sintetizador e harmonizador do Yin e do Yang) e ao qual se tem acesso através da meditação (investigação do 'Eu') e por meio de uma existência natural, espontânea e serena. A visão fenomênica existencial desponta no budismo, como sistema ético, religioso e filosófico fundado por Siddhartha Gautama, o Buda (Ásia Central, 563-483 a.C.), ensinando, pela conquista do mais alto conhecimento e vivência, como escapar "da roda dos nascimentos" – dos insanos afazeres - para chegar à pureza do "nirvana", nas religiões indianas, definido como o que é permanente, definitivo, beatífico, conhecimento e felicidade (essa, como possibilidade). A metafísica dos jônicos, da primeira escola, igualmente aborda o problema da relação primordial da consciência e do mundo: Tales, (625-558 a.C.), afirma a natureza próxima, e nossa – para ele natureza água - como aquele que é, na correta proporção, para todo o cosmo; Anaximandro (c. 610-545 a.C.), numa quintessência criativa, evoca um silencioso vazio, o 'arché propriamente dito', ou "to apeiron", o infinito: "apeiron não é nenhum dos elementos, mas uma natureza infinita, da qual nascem todos os céus e mundos; mas é, naquilo mesmo de onde provém a geração para os seres, que ocorre a destruição segundo o que deve ser; pois eles fazem mútua justiça (...)". Heráclito de Éfeso (c.544-484 a.C), integrante da Escola Jônica Nova, demonstra em tábuas de ouro, que, para ele, o princípio (arché) da natureza (physis) é um fluxo transmutativo: conciliação e equilíbrio dinâmico entre polos. Um processo refletindo em todas as dimensões; um fluir envolvendo a natureza e o ser na totalidade das formas, de acordo com um ritmo. Parmênides, da Escola Eleática, encontra igualmente uma "vivência pura", e afirma: "é preciso dizer e pensar o que é o ser: pois, existe sim, um ser absoluto e imutável" – um estado-de-ser acessível ao sábio pela meditação. Pitágoras, da Escola Itálica, imagina o conjunto dos números como abstrações, espírito surreal do Logos, apreensíveis e domináveis na arte de calcular, e, necessariamente, transcrevendo infinito em finito, sendo os pensadores - como mais tarde os cabalistas – apossados da força de 'magos criativos'. Sócrates nada escreve, mas a sua postura frente à sociedade ateniense, a sua busca dialógica e maiêutica, o cultivo do silêncio reverente - o espanto dos antigos céticos – apontam que a sabedoria daquele que sabia não saber assentava numa profunda vivência de unicidade. Modernamente, num discurso ético teológico, Baruch de Spinoza não deixa dúvidas: na *Parte II de "Ética"*. *Proposição VII: a ordem e a conexão das ideias são o mesmo que a ordem e a conexão das coisas*. No escólio primeiro dessa *propositio*, afirma: (...) *consequenter quod substantia cogitans et substantia extensa una eademque est substantia* (...), i.e., " (...) consequentemente a substância pensante e a substância extensa são uma só e mesma substância (...)". Spinoza, com um brilhantismo e espanto para a época, apresenta a relação [consciência pensante] & [mundo sensível] como um único fenômeno manifesto em dois atributos: 1) desmoronam a crença num deus isolado e idealístico (denominando e descrevendo esse fenômeno unitário, imediato, como "divino", Deus), e, igualmente: 2) elevando o mundo sensível, impuro aos olhos dos fiéis, a essa esfera fenomênica e panteística - caracterizando-se como um dos pais da fenomenologia moderna – em níveis filosóficos, metafísicos e teológicos - encontrando em Husserl um amadurecimento contemporâneo.

fenomenológico (inicialmente introduzido por Brentano, insuficientemente esboçado por Husserl). O conhecimento imediato, experimentado por milhares readaptados à vivência da unidade fenomênica inefável e impreterível¹⁴ do sujeito-objeto (“sujeito”¹⁵), restabelece e institui a metafísica essencial e original - *a Metafísica* - além de quaisquer subjetivismo e relativismo; base criativa de um entendimento profundo da existencialidade, da natureza do estado-de-ser.

Impreterível quanto a vivência em si - como essencial é uma boa adaptação e estado de saúde em relação ao desabrochar biológico da vida - a Metafísica genuína se apresenta e ressurgem em semioses diversas, as primeiras, mais originais, de formas imediatamente abertas ao sensorio, poéticas, artísticas, depois filosóficas, ao longo da história cultural, em força e qualidade¹⁶, apesar de hábitos censuradores e restritivos predominando no âmbito dos dois grandes desvios existenciais e civilizacionais notificados como realismo materialista e o “idealismo teológico [(rm) v. (id & td)]¹⁷.

Sendo o desvio metafísico civilizacional globalizado, sistêmico, a necessidade da correção necessária anuncia-se portentosa e global. A

¹⁴ Tais relatos de readaptação à visão cosmológica genuína e universal são facilmente encontrados na literatura específica onde estados de consciência ampliados – desembaraçados dos reducionismos conscienciais culturais – são e descritos de forma similar, arquetípica, incluindo o retorno das metáforas míticas essenciais purificadas das extrapolações órficas dogmáticas e sacerdotais.

¹⁵ “Sujeito”: neologismo compactando e agregando os termos objeto e sujeito.

¹⁶ Ao aplicar o método fenomenológico como instrumento de meditação intencionado ao entendimento do conceito de ‘Eu’ deparamos com “vivências puras”, essenciais, além do sujeito histórico (como enfatizado por Carvalho, José Maurício, Estudos de Filosofia Clínica: uma abordagem fenomenológica; – Curitiba: Ibpex, 2008; p. 172; ib) – vivências proporcionais à profundidade e acuidade das meditações: mas, para resgatar expressão no sentido apontado: *vivências fenomênicas, unitárias, abraçando o mundo e o cosmos*.

¹⁷ “Realismo-materialista” (rm), “idealismo” (id) - e, por extensão implícita, todos os “teologismos dualistas” (td) correlatos.

realidade da existência configura um encontro autopoiético, progressivamente consciente, forjado na interface humanidade-mundo. Nesse contexto, engastado em inefabilidade e mistério ontológico intransponível, quaisquer elucubrações relativas ao sentido da totalidade, nada resulta, nem resultará enquanto humano for o que agora é: assim sendo, o enfoque fenomênico, relativo ao bem-estar e virtude eco-humanista, equilíbrio dinâmico entre egocentrismo e alocentrismo, predomina como marco fundamental, inaugural, de uma perene e nova consagração: o fenômeno cosmo-existencial passa a ser o eixo primordial de um novo intento civilizacional, embasado na lucidez, respeito, verdade e realidade - e não mais ‘hipotético-convencional’ ou ‘provisionalmente-efetivo’. Um fenômeno comunitário dialógico, participativo, cívico e sensato, destinado a destronar o fenômeno societário dogmático, representativo, político, absurdo e corrupto: um ressurgimento do bom senso filosófico, no qual a *diversidade*, *unicidade e igualdade*, sejam virtudes sociais diretoras assentadas no enquadramento das antigas virtudes cardeais.

Diversidade: porque o preenchimento da consciência por dados-imagens resultando da insuperável transação sujeito-objeto (mundo e corpo), acrescida das integrações subjetivas (interpretações e modulação do sentimento), como fenômeno histórico perdurante, reatualizado, confere, ao mesmo tempo, singularidade e individualidade, ecciedade e (as)seidade¹⁸, à historicidade, ao indivíduo e à experiência vivencial. *Unicidade*: porque cada campo pontual de

¹⁸ No pensamento de Duns Scotus (c1265-1308): caráter individual, único, de um ente, que o distingue dos outros; ecciedade, ipseidade; seidade que há de essencial e cósmico na consciência do ente; asseidade o que é divino ou cósmico – algo aqui considerado equivalente ao termo ‘autopoiése’.

experiência existencial é único duas vezes: 1) do ponto de vista fenomênico coligado à individualidade; e 2) do ponto de vista da insuperável relação transacional e constitutiva sujeito-objeto como essência ontológica identificadora, seidade: a natureza essencial cosmo-existencial (portanto genérica e universal) do grande e sempiterno estado-de-ser infinitamente compartilhado. *Igualdade*: porque a realidade existencial de cada ente, de todos, configura ser um encontro autopoiético essencialmente igual, progressivamente consciente, de si mesmo e do mundo.

Uma reflexão consequente e profunda, demonstra que o ponto de vista dito fenomenológico – nesse sentido radical de união paradoxal e incestuosa da consciência da existência e do cosmos - configura a cosmovisão justa, sã, sem desvios por introversões, extroversões ou formações monstruosas – introversão: gerando idealismos, ou teologismos do tipo abraâmicos, ou, por extroversões: fisicalismos, cientificismos; ou estruturas mistas e complexas onde idealismos-extrovertem na criação de objetificações imprudentes e catastróficas, francamente dissociadas da natureza dinâmica e interdependente do estado-de-ser: tais como o Fundo (e sistema) Monetário Internacional, o Terceiro Reich, a Revolução Bolchevista, o Comunismo, a burocracia socialista - hoje globalizada - e outros sistemas francamente aberrantes.

II - DA QUESTÃO PRIMORDIAL

2.1 Doxa e paradoxo

Evidente, a questão primordial, problematizada desde a antiguidade, converge na primeira distinção mítico-genésica vislumbrada nos confins e limites da razão mais intuitiva e abstrata, no ponto mais intenso e concentrado da meditação, quando desvela-se o campo fenomênico radical, onde conceitos extremos não mais se sustentam, transmutando-se em imagens, símbolos e metáforas míticas.

Na configuração mitológica órfica, dualista, o princípio (*arché*) tende a ser exclusivo, tornando-se incompreensível e inalcançável: a distinção separa criador e criatura, de um lado ‘ser/consciência’ e do outro ‘matéria/mundo’, deixando o ente angustiado, desorientado, pedindo rumo; uma carência suscitando irrealismo sectário, alienante, idealismo dogmático e uma classe sacerdotal e política advogando acesso privilegiado ao hipotético.

Na mitológica monista, panteísta, a compreensão, extensa ao extremo, rende-se ao conhecimento fenomenológico radical, o princípio permanece ao alcance, em inserção, apreendido de imediato, contemplado, comungado nas relações e trocas, orientando o ser até ao esgotamento e dissolução no mar da inefabilidade, sem jamais renegar a sua natureza, honrando adequação, respeito, valor próprio, original, essencial: a distinção justifica a criação sem separar, ou dicotomizar, suscitando atos criativos centrados, em harmonia com a natureza, motivando um sentimento de inclusão e adequação sem extrapolações esperançosas e consoladoras, igualmente, coligando em laço

inquebrantável o ‘fogo criativo’ e o Cosmos, a humanidade e a natureza, como no estoicismo.

2.2 Do mito da desorientação essencial

Nos pareceres gnosiológicos e condicionamentos caraterísticos da escolástica e modernidade, o que pode ser meditado e compreendido é elucubrado através do intelecto racional que não integra a totalidade da cognição no sentido contemporâneo, especificamente, o sensório como faculdade natural e humana, o ‘intelecto sensível’ que permite a aptidão do contato intuitivo e imediato com a realidade, assentando, desta maneira, os fundamentos empíricos do processo cognitivo; configurando-se um reducionismo de grave consequência, um empobrecimento filosófico. Reconhecer-se como ciente (de mim sou ciente, existo, eu sou), configura um conhecimento imediato, indígena, um posicionamento autoconferido, portanto não ‘convencional’, não se tratando, tampouco, de uma observação científica implicando neutralidade por parte do observador, resultados provisionais! Enquanto eu estiver vivo e ciente, hígido, não há duvida, assim equacionado: eu existo! Ser humano não é redutível a ser objeto de *conhecimento efetivo*, embasado em epistemologia positiva e resultando em verdades provisionais: o conhecimento imediato de si reúne saber e orientação, no mesmo instante, alcance e acuidade. Neste parecer existencial e extremo, os conceitos, ‘orientação’ e ‘saber’ (seus eventuais antônimos, desorientação e ignorância) são simultâneos, igualmente radicais e essenciais. Na referência existencial, além dessa

‘ciência de mim’, propriamente dita, ou consciência¹⁹, *nada sei*. Nada posso afirmar em relação a hipotéticas ‘causalidades transcendentais’. Assim sendo, essa auto-referida realidade existencial é ciência e saber, e deve ser, aspirando ponderação e sensatez, o ponto inicial de todas as coordenações profundas relativas à existência: define-se desta forma a orientação existencial ‘eu sou’ como essência profunda e real, orientadora magna e cientificadora da natureza humana, do estado-de-ser. O ser humano é orientado, essencialmente, no escopo da sua consciência vital: enquanto eu estiver vivo e consciente, não apenas penso, persinto, sinto, comprovo e percebo, no intervalo dos meus pensamentos e sentimentos, recorrentemente, em mim, que eu existo e eu sou, sem dúvida; nada posso saber ou afirmar, seja positivo ou negativo, não estando consciente, ciente e vivente: nada podendo dizer a respeito de referências insensíveis e impensáveis, porque radicalmente inconscientes.

Nesse conhecimento espontâneo, imediato e singelo de si mesmo, assenta a fonte do sentido, a experiência prima e central de onde se talha saber vital, afastando paradigmas hipotéticos e marginais, extrapolações. É a linha unitária de onde mana e origina a vivência espantosa, inefável e impreterível do surgimento, estabelecendo e instituindo a metafísica constitutiva prima e identificadora. Trata-se da apreciação prima e indígena da natureza cosmo-existencial, essência do estado-de-ser, infinitamente transcrita e compartilhada, encontro autopoietico e ciente, de onde é possível apreciar a ordem fundadora: conhecer e saber a unidade dos opostos e complementários, com grau máximo de inteligência e precisão; um essencialismo supra-lógico a

¹⁹ Estar “com ciência de si”, é estar consciente.

partir de onde o indivíduo é *Logos*, princípio vivo e supremo de unificação que ecoa o ritmo e harmonia da beleza e grandeza universal. O princípio permanece, impreterivelmente, ao alcance, em inserção, apreendido de imediato, contemplado, comungado nas relações e trocas sagitais, orientando o estado-de-ser até ao esgotamento e dissolução, eterno retorno no mar da inefabilidade: a orientação, conhecimento e saber essencial, enraízam na ciência de si, na fronteira onde vida e morte se abraçam.

Fazer do mito da queda e da perdição o fundamento e ponto de partida de um processo civilizatório, leva, em alguns séculos a uma consequente situação de queda e perdição, como está se comprovando nos desenlaces históricos da sociedade global. Tal prejuízo adentra a filosofia desde a escuridão do medievo, não encontrando cura; os aportes do iluminismo ainda adernam no kantismo: a formatação metafísica dualista, teísta, perdura nos neokantismos, no positivismo, todas as formas de fisicalismos e culturalismos. Exemplarmente, o filósofo Ortega y Gasset, opina “*ser a essência humana desorientação radical*”²⁰, afirmação que, antes de minar os potenciais da educação, não parece autorizar o estabelecimento de uma cosmovisão sensata! Disposições provisionais, incertas, fictícias e convencionais, indigitando uma desorientação essencial, não são instrumentos efetivos para a construção de uma filosofia profunda. Desafiar a realidade e ordenamento da existência, comunhão de *physis* e *arché*, do cosmos e de si, querendo advogar uma desorientado radical e essencial é insensato, no mérito e no teor, só poderá gerar uma filosofia absurda, desorientadora, radicalmente insensata. Considerando os arautos da

²⁰ Unas Lecciones de Metafísica, Obras Completas de Ortega y Gasset, volume XII; p.26.

desorientação essencial existentes típicos, em tudo caso, não sendo ‘avatares regentes’ acima do que determinam, mas evidenciando critérios de serem ciente do seu estatuo humano, esperando ser entendidos, inteligíveis (embora inexatos): refuta, de imediato e em termo, “*ser a essência humana desorientação radical*” - em todo caso, não há como, razoavelmente, pregar a verdade de tal proposição. A metafísica da ‘desorientação essencial’ é radicalmente fictícia, que seja pregada por idiossincrasia ou convencionalismo. Não se pode compreender os confins da filosofia sem reverenciar, com espanto e naturalidade, o que vem primeiro: a aptidão de reconhecer os mistérios do estado-de-ser, *à luz da razão natural*.

É evidente, que uma metafísica pretendendo fundamentar-se na crença em uma radical perdição, ou “desorientação humana essencial”, reproduz, acrítica e passiva, o mito e as convenções teológicas vigentes, progressivamente, implantadas a partir da invasão cultural dos milésios e efésios²¹, submissão historicamente reforçadas pelo contato com a estrutura hierarquista e elitista da teologia e mitologia abraâmica. Não podendo, tal opinião ser ‘conhecimento’ imediato, científico, provisional ou efetivo, tampouco pertencer ao âmbito da educação grega, onde visões e conceitos heroicos de ser humano, estabelecidos e desenhados pelos poetas serviam de projeto: só poderá ser ficção e convenção, necessariamente, parte do consenso teológico mediévico – ainda forte na Espanha Orteguiana - o único consenso, historicamente reconhecido e convencionalmente vigente, pregando válida a norma dos inveterados e ‘espiritualmente’ desorientados: “crer

²¹ A invasão da Jônia por *Cirus II* marca o início da dissociação cognitiva por infestação memética de conceitos sobrenaturalistas cujo efeito é radicalizar e deturpar o orfismo, romper o campo integrado e sutil do imaginário simbólico e mitológico: regredindo a plenitude cognitiva e poética a um estado mais primitivo e concreto.

no absurdo”. A crença de que a possibilidade de uma orientação sábia, verdadeira e efetiva, só possa brotar de uma inspiração transcendente do ‘espírito’, sendo impossível uma simples confirmação estética ou transmissão cultural, reporta à catequese religiosa em vigor, que nega, *in totum*, a essencialidade da educação grega. A impossibilidade, avocada pela teologia, de induzir, naturalmente, o cultivo e ensino de uma via ética orientadora, decorre: 1) dessa metafísica irresponsável e dicotômica, pondo uma distância intransponível entre o espírito orientador e os pecadores, a não ser por uma tradição e elite cultural mediatizando as relações, 2) da propagação teológica-política do paradigma dicotômico-mediador – *da ‘episteme representacional’* – na generalização de relações societárias impositivas e hipnóticas. Tais impedimentos não são inerente à natureza humana, pertencem a organizações socioculturais superestratificadas; disposições historicamente impostas e reafirmadas nos enlaces e dependências estruturais já formados, demandando a manutenção crônica, conservadora, dos hábitos e arranjos subjulgantes e desorientadores – sem alternativas outras do que um apavorante e ineludível desmoronamento, como apocalipticamente anunciado e devidamente temido²².

A hipótese metafísica de “*ser a essência humana desorientação radical*”, o parecer orteguiano em particular, apresenta diversas inexatidões decorrentes do uso mal definido de termos cruciantes como: *saber, fazer, conhecimento, realidade, viver*. A vida é certamente uma realidade, mas fazer de todas as realidades elementos

²² Tal situação de ineficiência pedagógica radical não ocorre numa comunidade dialógica, participativa, desenhada na escala humana e comunitária, onde a tecnologia seja desenvolvida de acordo com necessidades discutidas em círculos abertos e não hierarquizados.

contidos em nossas vidas, extrapola sintonia com os enlaces da teologia onde céu e terra foram criados em função do ser humano. Evaporando os servilismos cognitivos, num intento mais sóbrio e sensato, entende-se a vida como integrada à realidade, a realidade como conjunto equivalente; ao menos, a relação, do ponto de vista gnosiológico, é de justaposição e interseção radical, não de “contenção”. Mais racional é concluir que a realidade cosmo-existencial manifesta a vida num desdobramento progressivo, plenamente apreciado *a posteriori*, quer seja por observação, analisando a história do que é o ‘outro’, a filogenia, ou por contemplação, examinando o seu próprio progresso histórico, sua historicidade. Afirmar “*a sua vida possui a pavorosa e tremenda condição de conter tudo, para cada um, todas as demais realidades: inclusive a realidade científica, a realidade religiosa (...), entre as inumeráveis coisas que um homem faz na sua vida*” (ib) é simples subjetivismo; erro semelhante ao contido na afirmação de “*ser, a vida, uma inumerável sucessão de fazeres*”, um dito mal ponderado, ofuscando a natureza essencial do estado-de-ser dado, do acontecimento – como, em outro trecho contraditório, reconhecido por Ortega: “*nascemos juntos, vitalmente, pessoa e mundo; viver é uma realidade existindo por si mesmo*” (p. 31; ib). Ora, se duas coisas “vida e circunstância”, ou “pessoa e mundo”, são conjuntas e simultâneas, existindo por si, em si mesmo, não há como uma delas conter radicalmente a outra²³: a inelutável simultaneidade e conjunção, antagonizam uma absoluta e realística ‘contenção’ de uma pela outra – tal parecer, afirmando ser a(s) realidade(s) *contidas* nas nossas vidas é opinião simples, subjetivismo internamente incongruente, distorção

²³ Metafísica não é metáfora.

enraizada no kantismo. Portanto, Ortega defende a opinião e enfatiza que: toda a realidade é contida na experiência de vida; realidade sem ressalvas, igualmente: os fatos concretos, as aprendizagens orientadoras, que sejam efetivas, provisionalmente sob domínio do vivente, ou fictícias, como eventuais balizamentos socioculturais. São nesses meios-termos inexatos que a “minha vida inserida na cultura”, pode ser racionalizada como formato e referência existencial absoluta! Tal parecer não é apendicular: resulta da aceitação, por conveniência, ou convenção, dessa estranha, incongruente e confusa opinião, “*ser a essência humana desorientação radical*”, creditada de um valor pleno de verdade filosófica, permitindo imaginar um ser sem raízes cósmicas significativas, mas estruturado e fundamentado em causas culturais e históricas: um ser societário, “essencialmente desorientado”, mas possível transmissor de uma “razão vital e histórica”, fundamentada em convenções²⁴. Nota-se, portanto, de diversos modos, que Ortega usa o termo ‘ser’ (e termos adjacentes de valência ontológica, como ‘real’ e ‘realidades’) de maneira ambígua, intercambiável, com ‘possuir’, ‘ter’ e ‘fazer, como se fossem equivalentes, demonstrando desconsiderar e negar, por opção, uma distinção irrefutável, não havendo, nessas imprecisões, nenhuma explicação, mas, convencionalismos. Ora, escolher, decidir, não altera o que sou, altera o que vivo e faço, o que produzo. O que sou é natureza-ser, atualidade onde todos os viveres afunilam no convívio sempiterno pessoa-mundo, polos nascidos juntos, vitalmente conjugados, como pares de deuses gregos: paridade pontual e impreterível; qualidade existencial cuja imutabilidade aponta uma presencialidade parmenidiana, não negando a mutabilidade

²⁴ Não sendo portador da luz clara da razão solar e nativa, da origem intuitiva do discurso até à conclusão metafísica espantosa, como apontada por Sócrates.

heraclitiana, contudo, sem se denegrir num sisifismo depreciativo, o que é místico e criativo num histórico rolar de pedra. O que sou, existência viva, preexiste ao que faço, sou eu quem faz e escolhe; não existe uma misteriosa escolha, de alguma forma culturalmente transcendente, histórica, ditatorial, familiar, decidindo o que sou.

A secção imaginária do eixo cosmo-existencial, sua negação a favor de um rompimento dualista, pode servir de consolo a um sentimento hipotético e idealístico de grande solidão, mas resultará numa profunda desorientação que não pode ser sanada numa sequência repetitiva, esperançosa e opinativa de orações e proposições, e sim, na consciência de existir estruturado em uma natureza bem definida, num Ethos, ética bem sentida, a partir da qual se vive. Recusar pôr a natureza-ser, a existência viva, como fundamento inicial a partir de onde seja possível examinar a necessidade e adequação do agir, caracteriza um exorbitante e imprudente descaso: matar e sepultar as visões arquetípicas, cósmicas, a orientação e saber essencial, para, do interior dos ciclos da cadeia cognitiva, alimentar um movimento revolteando o grande presente, antes vivo e sereno, numa fuga: um renitente deslocamento da intenção para cima e para frente, buscando escavar em algum futuro alheio e diverso, historicamente decretado, o que já é, eternamente colapsado. Uma metafísica histórica, hoje global, estimulando o consumo, ansiedade e progresso das nações - vital? A metafísica do absurdo, fantásticamente, troca o estado-de-ser fundante, indígena, por um fazer-perpétuo, afazeres; humanos correndo numa busca de resultantes infinitamente proteladas, imaginando estar curando desassossegos tidos como 'essenciais', mas, salvando e rolando devaneios em agrestes ilusórios, por desconhecer ser o 'tempo futuro' o frontispício atual da intemporalidade, e, as visões, antes sepultadas,

com descaso imprudente, dragões que nunca encarnam, mas, reais, rondam as profundezas do mistério eternamente circundante.

Nessas trilhas artificiais, degeneradas, avançando há séculos na via da inautenticidade, torna-se necessário: 1) uma progressiva redireção dos saberes aplicados e das tecnologias, buscando uma cura e reabilitação libertária das redes de dependências artificiosas; 2) uma radical transformação da pedagogia geral, portanto da política, junto com 3) a reestruturação do sistema monetário e bancário, dito fiduciário, fundamentalmente corrupto, sem peso, lastro, valor, um tigre de papel: tudo no sentido de revivificar o mercado natural da vitalidade genuína, favorecer e nutrir, nas perlocuções cotidianas, dialógicas, verdadeiramente participativas, sinceras e transparentes, a realização e demonstração daquilo que, justamente, não se pode ensinar nem inventar: o élan natural, ou necessidade de viver e saber – uma ciência indígena cujos princípios e verdades se desvelam e se alcançam por intermédio de uma original curiosidade, não suportando imposições nem planejamentos centralizados – apenas florando na dialógica e maiêutica, naturalmente saudável, constantemente demonstradas em praças públicas e pátios; florações reiteradamente castigadas e podadas por mortais imaginando poder reger, e serem, mais do que podem, e são – mas, que, de fato, infelizmente, não são: coisas hipotéticas supositícias e sobrenaturais.

III- O GÊNIO INSPIRADOR DOS SELVAGENS

Daimónion: definição da inspiração, boa ou má, que preside o caráter e o destino de cada indivíduo. Na crença grega, essa inspiração, personificada como daimónion, ou gênio, apresentava uma natureza fenomênica radical intermediária entre a mortal e a divina, aconselhando os humanos; trata-se da voz que ressoava na consciência do filósofo grego Sócrates guiando suas ações: o daimónion, gênio inspirador dos gregos e pagãos.

3.1 Dos ecos do Logos nas cavernas de si'

Na sua retórica geral, o discurso racionalista da filosofia oficial é transmitido e explicitado para fazer entender que a construção do 'Eu' é determinada pela visão e ideia de si galgadas no âmbito social e ao longo da historicidade cultural, nos modos e estilos arquitetados como curvas de nível pelos pensadores, teólogos e filósofos, e atores políticos venerados nos corredores da academia. Uma estrutura onde o 'Eu' vale em proporção à sua cultura, recursos e capacidade de consumo. Um contexto no qual um filho de pastores de ovelha, vivendo isolado em ermas montanhas, afastado das escolas, dos palácios e igrejas, não seria portador de nenhum 'Eu' significativo, como os antigos selvagens antes das conquistas, catequeses e batismos; quiçá, alguma consciência de 'Eu' nebulosa, menos significativa e transcendente de que a de um cidadão titular, um 'Eu' sem grande valor cultural e histórico, rústico e jeca: em todo caso, uma entidade que não poderia ser compreendida pelos habitantes da polis. Mas até que ponto o contato privado com o próprio corpo, o vento, o chão, as pedras, a flora, os riachos e os animais, a experiência e tempo de viver os ciclos e estações da natureza, poderiam, em conjunto, favorecer o surgimento de uma 'consciência de

ser' imensa, transcultural, universal, de algum modo mais fundamental e verdadeira que a consciência revelada assimilando objetos culturais, etiquetas, tópicos e protocolos sociais, linguagens artificiais, como o esperanto? Um estado-de-ser natural, indígena, dotado de entendimentos essenciais e potenciais de expressividade, hoje invisível na imensidão e sutilezas das suas dimensões, imperceptível e oculto à aglomeração enredada calculando dividendos na sombra dos mercados e edificações públicas.

A gênese do 'Eu', antes de ser histórica, no sentido culturalista, de aparecer na sociabilidade, de ser um 'eu pelos outros'²⁵, é, com certeza indígena, tribal, natural, decorrente imediata da existência e experiência viva do fenômeno cosmo-existencial. O 'Eu' social, racionalista e lógico, catequizado e podado, regulado e condicionado, prosador, acontece mais tardiamente, em paralelo, nos artificialismos dessas vidas etiquetadas e rotuladas, cumprindo papéis funcionais, ao menos durante o seu período produtivo. Mas, e antes, ao lado, nas margens hoje transgressivas? Na infância, talvez, depois, eventualmente, na maturidade, nos intervalos ditos 'anômalos' induzidos por doenças, acidentes ou cataclismos: poderá despontar, nas descascaduras das etiquetas e papeis, o 'Eu' basilar e cósmico, cujo fundamento ecoa o *Logos*, corpo-natureza em radiâncias sensoriais e intuitivas. Um estado-de-ser coroado de realidade sempiterna, um 'eu cósmico', seidade arrebatando das batidas do coração até o firmamento: um 'Eu' cuja luz, força e expressividade, relatam ao apreço a ele dedicado: uma amplitude que poderá ser mal integrada por ter sido desprezada, quase destituída do seu valor essencial, diminuída

²⁵ Teorização teológica e política tardia, subsequente aos processos de massificação onde se significam ideologias e conceitos como a 'voz do povo' representada em purpurina laica ou eclesial.

como recurso obsoleto. Um ‘Eu’, quando denominado e evocado na aceitação e anuência do estado-de-ser como dado, em busca de harmonia, aparece no seu devido lugar, sem reducionismos nem extrapolações, expressando o *verbum* livre e sem bitola, princípios marcantes como paisagens harmoniosas, montanhas, trovoadas e relâmpagos: as vozes da natureza e da consciência, a grande luz da razão natural, intensa, voz magna esclarecendo os adormecidos, telegrafando sonhos, pesadelos, rumorosas crises existenciais. Um ‘Eu’ despontando nas frestas entre episódios depressivos e ansiedades, mas vivo, expressando intuições fascinantes, arquetípicas: vozes e imagens se expressando na intimidade da cognição, os ecos do *Logos*, *daimónion*, consciência genésica de si.

3.2 Das escolhas do ser

As mensuras analíticas, o automatismo ingênuo atribuído a Descartes²⁶, enfatizou na forma de uma espaçosa cibernética socialista e cientificista, burocrática, de matizes elitistas e democráticas populistas. Estar mergulhado no constrangimentos e normas da cidade, rodeado de sinais apontando direções, deveres, usos e costumes, prosas gravadas, penduradas na consciência, regulamentos da educação bancária²⁷, não propicia o exercício da arte de escolher. A luz natural da razão, encarcerada nos apriorismos das reservas culturais e históricas, tende a permanecer no limbo, anquilosada no apagão do iluminismo, nas águas turvas e geladas canalizadas no eixo da perspectiva

²⁶ Descartes, cuja preocupação, missão magna e fundadora foi, efetivamente, a libertação e reabilitação funcional e da razão então anquilosada e amofinada nas masmorras da igreja.

²⁷ Expressão freiriana.

transcendente-transcendental, matriz do paradigma societário geral, dicotômico e mediador: numa carência de perspectiva cosmo-existencial e dialógica como uma disfunção imunitária ou anemia crônica. Apesar dos desencontros e da perdição circunstancial, da deportação nas cavernas societárias, ser humano não é RH, é estado-de-ser grandioso, acervo natural, como um parque ecológico parcialmente devastado. O 'Jardim-da-vida' tem guardião: espécie humana, criaturas de grandes potenciais, no entanto, manifestando uma fração da intenção possível, transitando no parque, como carregando um farol de pouca luz, numa alvorada nublada. A criatura não sabe, esqueceu, que já foi dito o suficiente: - "*Tu és o chefe-em-serviço, a vontade consciente do jardim*". Confuso, trôpego e esquecido, o guardião vagueia na geopolítica, ora nos vales, florestas, ou beira dos rios: cazumbi flutuando entre as balizas das constelações e a normatividade das constituições. Nesse ínterim, a laboração existencial evolui na onda da vitalidade nativa, superando as hesitações crepusculares na volubilidade dos fenômenos ambientais, ermos e selvagens, associados a ocasionais e tênues desejos de harmonia da criatura: intuições e enraizamentos revelando escolhas da natureza e do estado-de-ser, guiando e fortalecendo o reconhecimento, respeito, ao *etos* basilar e vital, o grande estado-de-ser, garganta cósmica, voz universal e sussurrante do *Logos*. O estado-de-ser, natureza imensa, contínuo e presente, conectado na trama, opera a estrutura da filosofia em busca de florescer, mesmo enredado em normas farpadas, estacado de não senso, amedrontado no jugo filocrático²⁸.

²⁸ Em 1968, paradigma recente e histórico de um intento frustrado de libertação, mas assim mesmo fértil, renovador, alguém escreveu nos muros da cidade: "*sob os paralelepípedos: a praia*" - arrancando os paralelos para fazer barricadas chegava-se ao leito de areia onde estavam assentados.

Conhecer

O estado-de-ser mais sensível se fortalece e se preenche de *Logos*, a coragem aparece e a natureza escolhe, reinando no ânimo dos mais sábios, desenhando gestos e declamando poemas surpreendentes, jorrando forte das nossas vozes-crianças: é quando a intuição desperta, inicialmente, como remédio mercurial, instaurando um tédio como uma grade de chumbo, ou então salva, obrigando a reagir, romper os grilhões, se libertar e se deixar levar nas coordenadas da correnteza viva da razão qualificada. Evoca-se e levanta-se uma *arete*: a visão aguçada e seletiva, atenta, reconhece e contata os elementos fundamentais no entorno. No topo da montanha do ser, indeciso, entre a luz clara da voz da razão filosófica e a rede das tradições e dogmas, o pensador há de escolher e superar. Reiniciar, renascer, tornando-se um inca, um jônico pagão panteísta e lúcido, ou um fiel obedecendo aos representantes do absurdo; fazer da sua vida a sua religião, da natureza a sua deusa, da sua palavra um saber, ou recitar ter origem culposa, ser pecaminoso e banido, existir um paraíso, porvir potencial, locado num futuro transcendente, após o último sacrifício. Afirmar essenciais as virtudes cardeais dos antigos, somadas às modernas - liberdade, igualdade e fraternidade - e contemporâneas: diversidade, unicidade e respeito; ou então com fé e esperança aguardar a vinda e descida providencial do espírito caridoso e misericordioso. Confirmar ser a água divina, ao lado e junto ao Sol, na exata, mesma força e poder; reconhecer-se como estado-de-ser solar, planetário, ou, então, talvez, ainda entorpecido nas redes do medievo, aceitar ser pecador essencial. Este é o contexto, encruzilhada premente, exigindo escolher, com clareza, operar a grande e prima distinção.

Tu és o escolhido, visionário autor da visão, tu és o ser que veio e deverás dar o voto de Minerva do grande consenso reunido do jardim:

ajoelhar-se aguardando o mediador, ou ser voz ativa: *daimónion* conjugando o verbo mediar e vivendo nas fronteiras, transcendendo extremismos e rigores, rompendo as extrapolações e dicotomias. O parque vibra, inteiro, nas ondas e retesamentos da consciência, ensaiando o repique da palavra perdida, em uníssono, ecoando nas gargantas nos passos dos que hoje despertam.

3.3 Criatividade, arte de contemplar e escolher

Não existe algo como um determinismo causal, existe uma causação-não-determinada, tudo é ligado a tudo, somos efeito e causa dos eventos. O padrão final das flores de Ipê Amarelo caídas no verde do gramado é indeterminado. Cada flor cai por um conjunto de razões e causas sem fins: a forma da flor, posição do galho, o vento, o tempo de amadurecimento ancorado no vazio. Não há como determinar a importância de um infinito conjunto de eventos em relação à queda, ao ponto exato do pouso, nem tampouco o efeito final: tudo é causado, nada é determinável. A ordem final na natureza, criatividade inerente, é: causalidade, interconectividade, impermanência, imprevisibilidade e incalculabilidade. O universo, na sua totalidade, não é causado; e se fosse por um deus-geral-comandante, um imenso *Sitting-Bull*, sentado separado, nos bastidores do cosmos de acordo com a fé aristocrata e teísta: então esse deus regente não seria causado²⁹.

O poder de escolher e decidir é fruto da complexidade, vem crescendo devagar nos mistérios da evolução; domínio e arte que pode ser

²⁹ Na natureza tudo é claro, não há grigoris-rasputins, nada de oculto determinando e ordenando nos bastidores – apesar dos que se apresentam como porta-vozes desses antropomorfismos exaltados.

estimulado ou domado. A aptidão de escolher não é uma entidade, mas sim a reificação de um processo evolutivo capaz de operar escolhas, uma propriedade emergente, parecendo, em potencial, maximamente expressa na humanidade, emergindo da complexidade das redes neurais, do arco trino infinitamente criativo e repetido: perceber, cientificar e responder, por sua vez assentado sobre o ato fundamental da *distinção*, essência da vida e do mistério existencial: gênese.

Para desenvolver, com plenitude, a arte de bem escolher, haveria de se viver numa forma cultural conjuntiva, dialógica, num ambiente comunitário estimulando a criatividade, a capacidade de gerar programas, ensaiar e opinar – principalmente nos níveis mais cruciais da metafísica, e, em sequência, política, economia e religiosidade. Possivelmente, nessa forma cultural avançadas e sinceras, haveria aulas magistrais de religião:

“Mes enfants’; existem inúmeras religiões no mundo – há para todos os gostos. No conjunto há várias categorias. Bom, iremos agora desenhar uma *amarelinha das religiões* e, na imaginação, experimentar e testar os seus efeitos. Vamos nesse curso, como num teatro, ser ‘pagãos’, ‘judeus’, ‘cristãos’, ‘hindus’, ‘taoístas’, ‘candomblecista’ e muitas outras coisas. Depois então, ‘mes petits’, faremos uma recapitulação, individual em grupo, para expressar suas opiniões, localizando as representações que assentaram melhor, e, tentaremos entender porquê.” Ou aulas de política: “Mes chers petits’; há basicamente dois tipos de tecnologia comunitária: a política e a civítica. A civítica trata da arte de viver em sociedade com respeito e à luz dos consensos e conselhos comunitários; a política estuda a fisiologia dos desacertos civíticos: sejam formas onde ‘consensos’

transmutam em ‘democracias’ - para uns ‘a voz do povo, como voz divina’, para outros ‘o grito da mediocridade, o urro histérico das maiorias’, ou então lideranças ditas ‘fortes’ até plutocracias e ditaduras, *et cetera*. Iremos, então, em jogos de sociedade, representar e testar cada uma dessas políticas, assim como a forma dialogal, comentando os vários efeitos”. Talvez haveria aulas de economia: “‘Bien chers élèves’ há basicamente dois tipos de economia: uma, onde a moeda não é monopólio; e as demais, onde as moedas são propriedade exclusiva de grupos definidos. Nas economias livres há diversos tipos de moedas: moedas metálicas, *commodities*; moedas lastradas; moedas virtuais e concordadas, emitidas nas horas das trocas; pseudo moedas ditas ‘fiduciárias’, e outras formas que iremos estudar e testar em ‘laboratórios de trocas’, onde grupos de alunos serão por sua vez agentes reguladores, consumidores, usuários e emissores, na esfera das diversas economias...”.

Nas estruturas societárias fortemente superestratificadas, poucos são os que escolhem, a não ser nos recreios e feriados, rompendo a organização sociocrata das horas, desenhando um pouco de liberdade. Admirar e contemplar, inicia um processo de reconhecimento despertando a consciência original da interconectividade, presente na fusão dos gametas, a ciência da incalculabilidade e imprevisibilidade, gravada na aleatoriedade dos encontros e nas raízes infindas da genealogia. A sequência cambiante dos momentos aguilhoa tanto a causalidade, quanto a impermanência, e, fomenta a criatividade nos enlaces da apreciação e estética. Saber contemplar a harmonia natural, exercitar o dom da esteticidade, atualiza uma intensa criatividade, e, na conjuntura, introduz e ativa o poder de escolha: apreciar a grandeza da

natureza é igualmente, no plano mais profundo da existencialidade, escolher e amar a vida dada a ser como padrão e fonte suprema de valor.

Apreciar a natureza é escolher amar a vida com inteligência e desapego; abrir os canais do entendimento estético, assentados no que é, no etos: ser ético. O direcionamento estético pela prática da contemplação, transfere a atenção e razão tuteladas, engrenadas, nos sistemas codificados, ortodoxias de cartilhas, para verter, de chofre, uma visão de conjunto espantosa, com ampla perspectiva cosmo-existencial, escolhas vitais e potenciais participativos despontando correntes de vida livres e selvagens, comunicando princípios advindos de além dos padrões.

3.4 Ressurgindo a luz natural da razão

Se o que se conceitua e vislumbra em si, no segredo mais profundo da intimidade, não corresponde sempre às emoções e aptidões demonstradas, e, por outro lado, se um sentido de permanência, espaço parmenidiano, único e central de autoconhecimento, parece contrastar com a efemeridade e equivocidade das relações vigentes e expressas no contexto é, certamente, porque valências e significados pouco equacionados nas descrições usuais apresentam uma influência potencial no sentimento, consciência e motivação – influências tenazes, mais do que os determinismos ordenados no progresso de projetos futuristas, pessoais ou societários. Antes de ser projeto racional, ideal, hipotético e futurista, a humanidade é realidade fenomênica cosmo-existencial, cavalcando rochas na imensidão, desdobrando páginas de espaço-tempo na infinitude, cumprindo ciclos vitais entre pontos

elementares - de pó a pó. Viver: evento inquietante e provisional, como gravações em placas de mármore e sepulturas, pontos pulverosos como marcas de giz, rastros de cometas rabiscadas no negrume do céu e logo apagadas dos quadros da memória.

Uma inquietude indefinida resulta de que, apesar do volume dos investimentos e fascinações futuristas, sabemos que o tempo único, real, para estar bem é agora. A dimensão existencial onde é deveras possível avaliar a adequação dos sentimentos não se loca em projetos e palcos societários, não se inscreve nas linhas e pontuações dos discursos promissores equacionando sacrifícios e prazeres: a dimensão da paz é imediata, enraizada nas profundezas de si, vitalidade serena em direta coligação com a radiância estética. Fundamentos de harmonia, ou desarmonia, impressionam enraizando em espaços existenciais profundos, aquém do tempo histórico, das elaborações, normas e sucessos societários; as afinidades existenciais que vigoram nas manifestações do estado-de-ser derivam e conjugam um espaço indígena, autoconhecimento nidificado no âmago da natureza própria: realidade que pouco se relata ao que se faz e projeta nas manifestações societárias, culturais. Correlações e *Gestalten* profundas permeiam a retaguarda existencial, âmbitos reservados, privados, mas não insulados, compassos simbólicos transbordando as fronteiras funcionais, normas e pontuações cronológicas da cultura. Acuidades míticas e artes primordiais, arquiteturas fundadoras de todos os afazeres e projetos historicamente conhecidos e lembrados - ainda reconhecíveis nos vapores mutantes e efêmeros da memória - abraçam o imenso conjunto da realidade cosmo-existencial, húmus fundamental de onde originam, como fungos agregados a substratos, a longa

sequência dos micélios culturais, instáveis como espuma, colônias assentadas em inefabilidade.

Os eventos mais criativos e espontâneos, os que mais individualizam e destacam da tipicidades e padrões societários, são peculiares; se não integram o *a priori* cultural, não é porque preenchem, numa forma de idealismo dialético, as ausências ou silêncios coletivos, os baldios e carências da órbita intracultural, nem tampouco por serem acidentes gerados do interior das racionalidades vigentes³⁰: a consciência permeando esses eventos criativos e iniciáticos equaciona em fenômenos relatados a outras fronteiras, além dos Rubicões e Ipirangas, arraias além dos convencionalismos, desconsideradas do interior dos enquadramentos societários. De acordo com a luz mais clara e qualificada da razão, a intuição mais profunda, os depoimentos e experimentos mais criativos, são vivências generativas relatadas a espaços mais genuínos, ao eixo cosmo-existencial. Justamente, a articulação mais desleixada, detida na invisibilidade, revela ser a mais decisória em incentivar essas aberturas, como feixes de lucidez, em direção aos horizontes essenciais velados nas brumas rotineiras das instrumentações societárias: trata-se da juntura iluminista e fenomênica correlatando os racionalismos discursivos e a prosa à sensibilidade estética e poética, rousseuniana³¹. Nessa dobra cognitiva é possível adentrar uma consciência genuína e transcultural, imediata, expressiva como uma presença pura, desvelando a atualidade de um

³⁰ Neste caso integrariam as objetificações e os *a priori* culturais em negativo, ou oposições, sem verdadeira espontaneidade.

³¹ Jean-Jacques Rousseau (1712-1778): a ideia de que a) os males da condição humana derivam da sociedade, b) da importância da natureza como agente de liberdade, saúde e felicidade: parece destinada a devenir uma demonstração tétrica, apocalíptica, sintomatológica, mas renegada até o final pelos que não conseguem deixar de investir em torres de Babel, apostar na sobrenaturalidade e eterna sobrevida do ego.

Conhecer

estado-de-ser integrado ao cosmos, sentido e contatado em silencioso espanto: ilumina-se a valência plena de uma posição exata, copernicana, heliocêntrica, universal: o renovado alvorecer da luz natural da razão, sem reduções nem extrapolações.

IV - DO BOM CONHECIMENTO

Denotamos que uma integração compreensível³² dos opostos e complementários, da intuição estética e abstração intelectual, configura a estrutura adequada ao desenho de uma metafísica mais inteligente; a intensidade cognitiva, num sentido abrangente, de tal realização implica e exige um método investigativo prezando a essencialidade das virtudes sintônicas aos objetivos: integração, sintonia, harmonia, sobriedade, unidade e verdade. Tais virtudes são as que direcionam, igualmente, à realização de um estado-de-ser amoroso e sereno; sendo a busca da serenidade, encontrável no exercício de uma prática contemplativa e meditativa, proativa, uma ferramenta e atitude necessárias ao encontro de uma maior exatidão filosófica. A Gestalt, ou processo, evidencia que 1) uma atenção ativa e tolerante, com qualidade de escuta, abertura e receptividade, junto como 2) uma intenção amiga e companheira, por sua vez requerendo 3) uma anuência empática e cordata com o processo existencial, um respeito implícito aos seus mistérios, resultam num círculo virtuoso imprescindível: essa aliança cognitiva, integral, permite a aproximação fenomênica radical, ao mesmo tempo racional, afetiva e existencial, dos significados antipodais acima apontados, resultando na realização da configuração metafísica³³ mais inteligente, ampla e significativa possível no estado-de-ser como dado e criado. Dessa forma, aponta-se a coligação fenomênica entre

³² Uma compreensão que envolve a totalidade da cognição, num fenômeno espontâneo e imediato, gerador de conhecimentos, transpassando os culturalismos e reducionismos intelectivos e limitantes, os logicismos coligados ao paradigma e perspectiva dualista transcendente-transcendental.

³³ Os que revelam-se inaptos a uma realização metafísica experiencial são igualmente inaptos à compreensão profunda dos temas filosóficos.

Conhecer

sabedoria e virtude (e, inversamente, entre ignorância e vício) estabelecendo uma base onde é possível caracterizar e definir a natureza operante necessária à realização de um saber justo, gerador de um bom posicionamento, adequada e sensível, realização cosmo-existencial.

O que se pensa, diz, faz e vive, consequências existenciais, resultam de perspectivas filosóficas, epistemes e paradigmas manando da intuição metafísica, sejam objetificadas em políticas e pedagogias subjulgantes, ou desafiadas e superadas na busca de saberes - conhecimentos geradores de conhecimentos. A apreciação das ações, dos seus resultados na historicidade e história, patenteia o significado real do conhecimento cultuado, seu peso e valor em relação ao contexto onde opera. Guerras, lutas, poluição, escassez, destruição, inquietações, agressividades, apegos, vícios e autoritarismos, ou então paz, igualdade, justiça, ordem e virtudes: essas duas tendências antitéticas apontam para o valor, realidade, conveniência e sensatez dos saberes dos indivíduos e nações. ‘Conhecimentos’ levando à destruição do conhecedor e do seu contexto deveriam ser denominados ‘conhecimentos’ ou ‘ignorâncias’? Sabemos operar e fazer valer o melhor conhecimento? Conhecemos realmente o essencial? Sabemos viver de acordo com o que anunciamos louvar e conhecer? Quais os critérios necessários para que o conhecimento resulte em ser virtuoso e orientador? A vulgarização de uma forma de conhecer implica veracidade ou bom senso? O bom senso é comum, vulgar? Existe relação entre o que se vive e produz e o valor do conhecimento? Veracidade implica em harmonia?

Para Anaximandro (c. 610-545 a.C.) aluno de Tales de Mileto, conhecido pelos seus dispositivos indicando os equinócios, solstícios e meridianos, a evolução das coisas e das espécies parecia ser evidente: *“os animais nasceram do mar, e o homem se formou, no princípio, dentro de peixes, onde se desenvolveu e donde foi expulso logo que se tornou suficiente para bastar-se a si próprio”*. Uma evidência não tão surpreendente afinal, um conhecimento imerso em imediatidade. Para entender que somos natureza, basta estar vivo junto aos seus próximos, ancestrais imediatos ou descendentes; trabalhar a terra, colher e plantar; comer o que a natureza tem para oferecer, trazer alimento para os filhos; notificar as semelhanças com animais; construir e, eventualmente, ver tudo se desfazer nas tempestades; achar viver ora bom, ora ruim; acordar e dormir, necessitar de repouso; sentir-se envelhecer; ver filhotes nascer, pessoas falecerem, ter consciência da morte; operar correlações, proporções e relações, ponderar, imaginar e intuir. No entanto, dois milênios e meio depois do bárbaro da Jônia, inúmeros fiéis das igrejas oficiais ou de massas, ainda não reconhecem que somos natureza. Uma excentricidade decorrente de uma estruturação fabulosa e mediada do entendimento: ajuizar o sentido de tudo através de uma ‘bolha de crenças’ ditada e propagada por uma tradição autoritária, e não mais, como esses selvagens, entender a realidade de imediato, como naturalmente apreciada e investigada. Fabular abstrações, metáforas complexas, simbologia, mitos reveladores de hermenêuticas universais, como se fossem fatos concretos correspondendo a realidades objetivas, sensoriais e delimitadas, i.e., entender mitos como descrições de realidades históricas, é certamente surpreendente, mas, comum: hipóteses extraordinárias para um pensador razoável, elucubrações habituais

para os fiéis. Uma ingenuidade fabulosa, semelhante à das crianças, certamente benigna e inócua quando circunscrita, monitorada e restrita a um âmbito sectário discreto e privado; sendo os adeptos tutelados, obedientes, sem poder decisório - tomar decisões práticas baseadas em representações fabulosas não é recomendável nem prudente. O desvio interpretativo revela ser temerário quando adeptos resolvem tomar resoluções embasadas nestas convicções fantásticas, indo mais além do murmurar e orar ao pé de altares privados: fazendo *lobby*, pregando em público, catequizando, descendo à rua e querendo eleger autoridades para influir na educação nacional e currículo escolar geral: tentando transformar as suas interpretações fabulosas em realidade e história. Convicções imprudentes - desconhecendo os critérios ponderadores, exatos e precisos, como apontados por René Descartes, tentando ensinar o bem pensar, com prudência, no ocaso do surto mediévico – resultam em tensões contagiosas, numerosos e tristes episódios documentados e noticiados na história das nações e manchetes dos jornais.

A prevenção de tais transbordamentos, exige a instalação de critérios gnosiológicos efetivos, habilitando a manutenção do bom senso e foco adequado; discernimentos confiáveis e sensatos, prevenindo a possível confusão entre: 1) imaginações e pensamentos abstratos, revestidos de imagens simbólicas, ou condensando espaços fenomênicos radicais, místicos, 2) e percepções e explicitações concretas e realísticas. É notório que a efetividade de tais critérios opera antes do amadurecimento da configuração cognitiva, antes da atuação eficaz das influências, persuasões, convencimentos e formação das crenças, i.e., antes da compleição da 'idade da razão' - ou das ilusões. O primeiro sinal de alerta, embora inespecífico, por si só insuficiente, de estar se

confrontando com a expressão de uma formação cognitiva idealística e fabulosa, dissociado em irrealidades, ocorre quando:

- *O que está sendo dito não se refere a algo possível de contatar através dos sentidos, direta ou indiretamente.*

É possível tocar, provar, cheirar, sentir, ver e ouvir o mar, mostrá-lo de imediato e dele falar, trata-se de um fenômeno plenamente ancorado à esfera sensorial, real, numa valência máxima, em todos os canais. Acrescendo fantasias e desconsiderando as dúvidas, é possível afirmar a existência de uma entidade estranha: ‘eu vi uma sereia’. É bom, lúdico recorrer à fantasia na construção de histórias e simbologias, mas, o limite, diferenciando conhecimentos de metáforas, alegorias e suposições surreais e fantásticas, procede do reconhecimento das incertezas: a consciência de que não é fatível ver, sentir, tocar, provar, de uma forma ou de outra, experimentar, o que não se refere ao real, que se afasta das possibilidades da experiência, não integrando a ordem dos conceitos, imaginação e abstração. O que é real deve ser ensinado como real, e o que é imaginário, metafórico, simbólico, alegórico, como imaginário, ou, posto sob reservas, fechando as brechas, evitando estimular a geração de confusões, esclarecendo. É importante alertar, ensinar a bem diferenciar o que sabemos intuitivamente: reconhecer o fantástico como fantástico, o real como real. Uma intuição fortemente embasada em milhares de anos de estruturas autopoiéticas, unitárias: o entrosamento afinado do real com o imaginado (e, conseqüente posicionamento da fantasia sob reserva) advém da reciprocidade construtiva e adequação seletiva entre o contexto, o sensorio, o sistema nervoso, a perceptividade, interpretação e resposta:

uma conjugação unindo num fenômeno criativo ecceidade e seidade, o ente ao tudo, à natureza, ao cosmos, numa empatia coerente. Uma perspectiva e coordenação mais profunda e antiga, mais substancial e eficiente, do que quaisquer tradições culturais: uma conjugação tramando, nas mesmas frases e fases, uma ciência e uma formação eco-humanista: uma ciência-formada geradora de efetividades operante.

O segundo sinal apontando a expressão de uma formação cognitiva idealística, ectópica e dissociada, em confronto com o real, ocorre quando:

- *A história fabulosa é tratada com um estranho respeito, objetificada como se fosse a certificação de uma entidade misteriosa, mas real, sendo, com frequência, proibido, traduzir e experimentar a fábula, com outros termos e desfechos - efetuar modificações.*

Um conto, uma fábula, dotada de valor universal, conferindo bem-estar geral, adequado ao âmbito natural, cambiante e transmutativo, não necessita imposições, ordens e manutenção conservadora, ortodoxia, suporte político ideológico, nenhuma defesa além de um simples respeito poético e literário, de autoria. Uma narrativa fabulosa realmente geradora de ensinamentos libertadores, amplificadores de autonomia e criatividade, dispensa radicalmente o uso da força, da indução sistemática e autoritária, desprovida de dialogicidade. Contos fabulosos e virtuosos são arquitetados em conexidades e referências cósmicas, surrealidades edificantes, emulam sentidos positivos, refletindo integração e harmonia com a cotidianidade e fluxo sensível

da natureza: contos lendários, de matrizes comunitárias e culturais abrangentes, universais e adequados, podem ser reconhecidos como portadores de inúmeros aspectos fantasiosos e imaginários, tecidos em abstrações, sem que isso anule a sua potência e construtividade mítica, ética e moral. Mitos, contos, lendas e fábulas, encantam, não denotando, com especificidades limitantes, objetividades fundamentais referentes a coisas passadas, datáveis, nem a eventos exclusivos e singulares: referem-se a imagens sem tempo e espaço, ambientes e contextos sem sectarismo, elitismo e exclusividade. São capazes de conotar caminhos, indicar escolhas válidas e positivas, geradoras de união, integração e responsabilidade, no confronto com o ato de ser e suas complexidades. O problema surge quando: o ensinado, embora não possuindo base comprovativa, legítima e sensível, é expresso e afirmado com autoritarismo impositivo, sem chance efetiva de ser dialogado, como se referindo a coisas reais, fatos comprováveis: de fato, antítese do conhecimento, ignorância.

Portanto o critério preventivo na eliminação e cura dos ensinamentos potencialmente aversivos, predispondo à restrição do fluxo existencial, é duplo: 1) reconhecer as dissociações dualísticas quando ferem o coração da unicidade, mãe da paz e da universalidade natural, 2) sentir que a obstrução ao exercício da criatividade e expressividade desrespeita o conhecedor. Coagir o conhecedor no ato de conhecer, fazer uso de alguma forma de imposição, implica em insegurança e mau conhecimento: desrespeito e cerceamento da aptidão de julgar e opinar. Bons conhecimentos, míticos, fantásticos e imaginários, possuem, em alguns aspectos epistemológicos importantes, sintonia com os bons conhecimentos científicos: o bom conhecimento se processa através e por causa de um modo genitivo (ou método) essencial: nunca é imposto

como ponto final; é aberto à discussão. A adequação essencial do conhecimento é a abundância, uma riqueza do tamanho e grandeza do universo: aberto à transformação, à busca de explicitações, justificações e legitimações. Conhecimentos abertos, a serem repostos em questão e revistos, ressignificados com frequência, transformados e adaptados, devem ser, mais ainda se, efetivamente, importantes, vitais, dialógicos e maiêuticos, nascer com a vida, espontâneos.

- *O conhecimento não deve tomar posse do conhecedor; o conhecedor não deve ser atuado por uma ideia ou conceito: deve estar no domínio do seu conhecimento.*

O conhecedor, por definição, deve ser provedor de conhecimentos, capaz de gerenciar e coordenar positivamente resultados eco-humanistas, favorecendo maior qualidade, sucesso vital, eutimia, serenidade e adequação existencial: isso, antes de tudo na esfera própria, em si. Apresentando conteúdos congelados, prepostos, como fetiches ou tabus, o ensino tenderá à inépcia, uma radical falta de criatividade e perspicácia. O conhecimento prático, fomentando técnicas objetivas, há de ser testável, provisional e perfectível; o conhecimento praxiológico, fomentando condutas, modos de compartilhar e ser, há de ser virtuoso, i.e., de modo análogo testável, discutível, adequável e criativo. Os preceitos da boa ciência são reformáveis e desafiáveis: as histórias ilustrativas, metáforas, alegorias ou mitos, deveriam igualmente ser reformáveis: não apenas pelos poetas, filósofos e observadores da cultura, mas, pelos integrantes da cultura, necessitando, para isso, uma educação meta-criativa. Por isso, a estrutura mítica dos panteões, repousa na diversidade unitária da

realidade, na unidade de uma trama tecendo diversas histórias. Trama cósmica cujo centro é um Olimpo diversamente definido nas culturas. Numa cultura global válida deveria ser uma forma criativa e resultante de agregados culturais: enriquecida ao sabor de lendas e contos, ditos por milhares de Hesíodos, apenas isso pode responder ao que se imagina dever ser: uma humanidade capaz de implementar uma vida sustentável no sentido mais universal possível. O conhecimento mítico não tem valor sob o ponto de vista da ciência da natureza: tem valor máximo para canalizar, ou obstruir, condutas éticas permitindo que se tenha a possibilidade, tempo e lazer, para melhor pensar, que se aliam, ou não, os recursos e as associações para empreender, testar e executar o que se queira implementar. A *tremendum* ignorância mediévia proibía buscar conhecimentos além de escrituras mortas e congeladas; só permitia um tipo de saber, monopolizado e reservado em acordo com os interesses da prelatura e elevado a estatuto universal.

O conhecimento gerador de valores é preciso, legítimo e testável na observação da sua aptidão generativa construtiva, embora, possivelmente, ambíguo nos seus confins e limites: assim mesmo, mantendo as orlas de imprecisões abertas a mais investigações. O conhecimento científico, apesar de rigoroso, poderá não ter valor cultural. Isto, porque, apesar de toda a precisão matemática, poderá expressar o predomínio de um grupo, a opressão de outros, representar desejos escusos, sem fundamentos, ter a sua origem e motivos enraizados em mitos falaciosos, sectários, exaltando a maior importância e valor de uma classe ou etnia, por isso, tornar-se pernicioso:

- *O conhecimento empreendido e sustentado, reservadamente, sem fundamento eco-humanista amplamente discutido, não é verdadeiro, por mais exato e científico que se apresenta.*

Tanto: as mitologias tribais, condicionadas a uma etnia, mas proclamadas e apregoadas por missionários catequistas, quanto: os conhecimentos correlatos a estruturas estatais, investidos e testados em tecnologias filocráticas, impulsionados e propagados com recursos fiduciários, nascem inclusos em aspetos ideológicos e interesses peculiares não ponderados à luz da razão natural e não incluindo coordenadas cosmo-existenciais: definições implicando estratificações históricas, violências, sede de poder e dominação. Ideologias e tecnologias autoritárias referem a processos cognitivos coligados a pulsões instintivas e não a formas de conhecimentos e saberes abrangentes, universais. Agências distribuidoras de conhecimentos, de estados ou igrejas, com enraizamentos políticos ou teológicos, trazem, em sua origem, a prática do abuso e perversidade, estimulando a imaginação na composição de uma esfera ideal como agente supremo dotado do poder de regular o conhecimento humano, agente-mor e central da ciência universal. A ancestralidade mais comum, a origem essencial, é a unidade e familiaridade ontológicas e criativa de todas as coisas. Quaisquer tentativas de exaltar superioridade intrínseca numa pessoa, grupo, etnia, nação ou entidade - imaginar haver superioridade ontológica, onde, na realidade, existem predominâncias assentadas em configurações e circunstâncias incertas, acidentes e iniquidades, necessariamente, sujeitos a mudanças radicais - implicam carência de perspectiva geral e histórica, e/ou distúrbio da imaginação.

- *Um conhecimento destituído de sentido unitário, de ‘arché, ou princípio comum, sugere uma falta de bom senso, uma perda de contato com os valores reais.*

A superestratificação societária, as discriminações hierarquistas, coadunam com a metafísica dualista: a perspectiva e definição metafísica kantiana “transcendente transcendental”; o imperativo categórico e o conceito de “coisa em si” não expressam descobrimentos filosóficos, mas uma expressão rigorosa do ambiente metafísico civilizacional vigente e constitutivo do ocidente. Tais circunstâncias metafísicas e expressividades filosóficas assentam nas suas configurações mitológicas e nativas: o maniqueísmo pérsico somado à hermenêutica abraâmica, decorrentes estruturas religiosas, principalmente, o catolicismo romano e as várias formas de protestantismo. Esta conjuntura permite o extraordinário predomínio da episteme representacional e enlace confusional entre: realidade e sobrenaturalidade. Um conjunto de conceitos e ideias amalgamados em modelos mitológicos empossados de substancialidade intrínseca e existencialidade autonômica, permite acreditar na superação radical e transcendente das conexões naturais; o sujeito assim contagiado imagina correlatar a uma esfera sobrenatural, regida por leis excepcionais, acima do conceito evolutivo de *Logos*, passando a se comportar de acordo com as suas visões e perspectivas, por mais absurdas e fantasiosas que sejam.

- *Confrontar a realidade com hermenêuticas fantasiosas e tecnologia prepotente concebida por cientistas cooptados por*

superestratificadores manipuladores de fé, caracteriza uma empresa destinada ao fracasso.

Mais importante que a descoberta e acumulação de conhecimento é o seu valor ético. Estamos fracassando, como sociedade e civilização, por orgulho e ambição descabida, atravessando um grave e exaltado distúrbio de julgamento, alimentado por uma ideologia sectária, dualista, sobrenaturalista e divisionista. Como o Império Romano, a Idade Média, suas santas e inquisitivas conquistas e cruzadas, estamos fracassando nas nossas relações com a natureza, cercados de fronteiras, contratos, normas, burocracia. Evidência implicando a prevalência de um conhecimento, inclusive científico, essencialmente inválido: ordens de saberes específicos, sem fundamento filosófico eco-humanista; reservas tecnológicas conferidas em termos parciais. O custo da insensatez é imenso: assistir derreterem-se as fantasiosas esperanças à luz do impreterível ordenamento do *Logos*; cair ao chão, Ícaro, morder a poeira. Quem sabe, perdendo a chance de descortinar, na realização global da virtude e da paz, outros horizontes - àqueles aptos a se realizarem, sem extrapolações, à luz da razão plena e qualificada.

- *O conhecimento claro não comporta imposição ou propagação, surge a partir de um diálogo comunitário onde o pensador é respeitado, honrado e considerado.*

Confrontar com a realidade, retornando dessa estranha inversão, traspasso abissal, onde interpretações divisionais, propagadas e impostas, envoltas de douradas elucubrações, serviram de alicerces a edificações societárias e sectárias, pode implicar em acidentes

imprevisíveis: despertar em pesadelos reais, ou operar passagens brutais, lamuriar conquistas messiânicas, fogueiras inquisitivas e ‘guerras santas’. O conhecimento claramente benfeitor, sem efeitos colaterais desafiando o seu valor, só poderá emanar a partir de uma sociedade sem estratificações nem privilégios abusivos: uma comunidade justa, sensata e amiga: de respeito. Quando se permuta: 1) a consciência lúcida do estado-de-ser transmutativo, acoplado a um cepticismo reverente relativo à inefabilidade da natureza e origem do fenômeno existencial, por uma 2) crença na imortalidade da circunstância existencial individual e própria, batizada, acoplada a um dogmatismo sobrenaturalista: perde-se a conectividade com a vitalidade profunda do fluxo heraclitiano e essência subjacente em favor de uma hipotética e rígida cristalização. A esfera simbólica, mítica é um fulcro apto a alicerçar edificações comunitárias, civilizacionais, válidas e sábias, mas, para tanto:

- *O bom conhecimento deve confirmar a unificação do estado-de-ser presente e em fluxo, ao conceito de divino, elevando a criatura (autora do conceito) à altura do termo.*

Elevar-se ao estatuto metafísico mais sensato, é dialogar e cocriar uma história mítica e verdadeira nas esferas universais: compreendendo que “todo fazer é conhecer, todo conhecer é fazer³⁴” e que tudo o que é foi dito e escrito por alguém, que um fazer, conhecer, dizer e escrever mais sábio é possível, aplicando o bom senso e a prudência com constância e firmeza, compondo, em harmonia, a música das esferas.

³⁴ Uma das expressões típicas de Maturana e Varela em “A árvore do conhecimento”.

CARACTERÍSTICAS DO BOM CONHECIMENTO

- *Referir-se a algo capaz de ser contatado através dos sentidos;*
- *Ser aberto a mudanças;*
- *Estar no domínio do conhecedor;*
- *Ser embasado numa perspectiva unitária, eco-humanista;*
- *Ter as suas justificativas corroboradas por intermédio de uma comunidade esclarecida;*
- *Ser financiado com valores reais, livremente coletados;*
- *Surgir entre as frases de um diálogo comunitário;*
- *Ser possível quando o pensador se reconhece lúdico e digno de respeito.*

V - DAS FORMAS DE CONHECER

A realidade é como a interface entre um gel pastoso, contido na mão da percepção e os dedos reunidos na forma de uma concha. O formato do gel e do espaço em concha interdependem num hilemorfismo essencial. A permanência morfológica depende das forças aplicadas na moldagem e inexorável deslizamento do gel, transformando a interface no correr do tempo. Se os hábitos perceptivos, cognitivos e as atividades moldam percepto e preceptores, ao falarmos de 'natureza' falamos igualmente de nós mesmos, expressando o papel criativo do observador.

Nas razões filosóficas e científicas últimas o raciocínio se depara com limitações e incertezas inerentes, tendendo a afunilar-se em estados embaraçosos, binários e dilemáticos. Algumas das estratégias e saídas preferencias da razão foram desde cedo reconhecidas, inclusive pelos pré-socráticos, como: 1) fechar-se em circularidades; 2) perder-se em regressos infinitos; 3) elevando suposições ao *status* de certezas radicais ou provisionais; 4) permanecer perplexo, em espantosa ataraxia, frente a esses estados contraditórios e irreduzíveis; 5) exemplificar pragmatismo e relativismo cético - não esperar da razão o que ela não pode dar. Nenhum objeto analisado pode escapar desses limites inerentes: inúmeros são os paradoxos científicos gerados pela natureza antinômica da nossa indagação e maneira de conhecer.

Nos estudos das formas de comportamento é notório que não se consegue diferenciar e delimitar, o inato, ou genético, do cultural, ou psíquico, abrindo-se um palco onde diversas correntes se confrontam desde o início da modernidade. Não há necessidade de constranger o assunto, reportando-se aos antigos debates e clivagens teleológicas: estaríamos tratando das formas de conhecimento de acordo com as

Conhecer

reduções e abstrações tradicionais. Operar uma regressão imaginária, indo de agente em agente transmissores de conhecimento, em direção do sem fim, dos regressos absolutos referir-se-ia mais à história do conhecimento e das ideias. O estudo diacrônico das diversas formas de conhecimento, empreendido a partir da origem, tende a ficar dúbio e confundir o problema com a origem do conhecedor, do seu destino final: uma busca improdutiva dissolvendo-se em hipóteses e axiomatizações. A busca da origem do conhecimento cessa, necessariamente, no ponto onde não há conhecimento detectável. Querer prolongar a busca além desse ponto original e final do conhecer não permite encontrar formas de conhecer, mas, sim formas de especular. No intuito de se buscar formas processuais relacionadas ao conhecimento parece importante interessar-se por diversos elementos sincrônicos, o processo em si.

Não sendo encontrado conhecimento, como se encontra objetos na natureza, o método a ser usado é necessariamente e principalmente experiencial, trabalho a ser feito pelo conhecedor em relação ao conhecido e conhecível, em busca dessas formas. O estudo das formas de se conhecer não pode ser objetificado, traspassando o cientificismo em favor da praxeologia. De que forma conheço e posso continuar conhecendo? Como esclarecer as relações entre os termos: (1) '*forma*' e (2) '*conhecimento*': de que forma venho conhecendo? A busca introspectiva tende a evidenciar a ocorrência de cinco diversos processos ou Formas de Conhecimento, aptas a serem denominadas: 1) FC. Conjuntiva; 2) FC. Imperativa; 3) FC. Autonômica; 4) FC. Autoconsciente; 5) FC. Filosófica.

5.1 Forma conjuntiva de conhecimento

O símbolo da Forma Conjuntiva poderá ser representada por um triângulo equiângulo, inscrito num círculo desenhado em pontilhado: é a Forma Conjuntiva, triangular e circular de conhecer. A postura básica é dialógica. O triângulo refere-se à estrutura experiencial com base trina envolvendo simultaneamente: 1) sensação: a virtude de contatar sentidos através do tato, visão, audição, olfato, gustação, ditos sentidos externos, em conjunto à propriocepção visceral e músculo-esquelética, ditos sentidos internos³⁵; 2) ciência ou cientificação, a virtude cientificando a impressão, assimilação e notificação dos sentidos; 3) ação ou movimentação, inicialmente reflexa, como resposta aos estímulos, e depois voluntária. Dissociar essa base é deixar de entender o que significa: não há uma percepção independente de uma cognição por sua vez isolada de uma ação - conhecer é fazer, fazer é conhecer, conhecer e fazer é ser.

Uma membrana, uma célula já é dotada dessa forma trina, interpolada entre o processo de distinção em si e o fenômeno sujeito-objeto, arco fundamental inquebrantável. Ao nascer, ao interagir, gera-se: sensações internas e externas; captadas, e, cientificadas, em algum grau e intensidade, progredindo lentamente, discriminando esses fenômenos como oriundos da pele, segmento cefálico, orifícios, contidos do interior do corpo humano. Dessa forma conhece-se o corpo, limites e ambiente. A forma aqui denominada *conjuntiva* de conhecer abrange a circunstância geral e o círculo comunitário,

³⁵ Não há a necessidade de detalhar os receptores sensoriais sob o ponto de vista da neurofisiologia.

Conhecer

inicialmente familiar, tornando-se mais abrangente, à medida em que o indivíduo adquire mais autonomia. Os toques, contatos, as vozes, as fâcies, alimentam essa Forma Conjuntiva e imediata de conhecer, a si mesmo e o meio circundante. A postura básica é dialógica, um círculo de interação processado pela base trina: entrada, assimilação e resposta (ação), referindo-se à totalidade do que se conecta: gerando ciência. A característica fundamental é a interatividade: a forma de conhecer se mantém e posiciona como sendo conjuntiva porque as relações são interativas, relacionando o ambiente a mim mesmo, reciprocamente; o conhecimento é, desta forma, construído através de compartilhamentos progressivos. A Forma Conjuntiva de conhecer mantém-se em ação criativa ao longo da perduração do estado-de-ser. Para compreender essa Forma Conjuntiva é importante reconhecer a sua essência unitária, espontânea de livre e criativo intercâmbio: 1) sentir, 2) cientificar, 3) responder: como um processo livre, nato, atuante e essencial; formando e expandindo o conhecimento imediato, conjunto, do estado-de-ser em ambientes abertos e de trocas. Um estado-de-ser necessitando essas trocas, capacitado a acessar o que se assimila, encontrando desafios, aceitando, recusando, processando os intercâmbios e atuações em relações espontâneas: respondendo de acordo com limites e espaços negociados nas próprias circunstâncias.

A Forma Conjuntiva de conhecer abrange dois atributos, em composições simultâneas de grandeza variáveis, podendo ser ditos: 1) natural, ou primário, integrando e cientificando sem a intermediação significativa de linguagem simbólica; 2) cultural, ou secundário, cientificado por intermédio intenso da linguagem simbólica. A característica essencial da Forma Conjuntiva de processamento cognitivo não se delimita por intermédio da dicotomia natural-cultural,

ela se singulariza nesse fluxo nato de comunhão livre de acordo com os determinismos da natureza e escolha dos indivíduos. O movimento em busca de conhecimento cresce, no início, sem grandes escolhas: as células se multiplicando, construindo camadas básicas, tecidos e órgãos, i.e., gerando a estrutura do estado-de-ser, que continua operando, assimilando, integrando, respondendo, trocando, assimilando realidade, construindo uma trama de conhecimentos, tecido aos poucos, inscrevendo uma vontade, um poder de afirmação, de dirigir, conhecer, opções, a liberdade de negociar os limites – criando inteligência cosmo-existencial.

Na forma conjuntiva de conhecer, a linguagem prístina é a mais imediata, exclamativa, construída por gestos e mímicas: ‘isso!’, ‘aqui!’: enfatizando, apontando; as palavras faladas e escritas são rótulos ou etiquetas cognitivas, utilizadas para identificar e referir elementos formais com atributos aptos a estimular os canais sensoriais, cientificando os “elementos formadores” da realidade vivenciada. A compreensão como a realidade se configura na estrutura dos pensamentos, palavras e representações, se clarifica nominando o ‘mundo dos símbolos’ em três grupos ou níveis: formal, funcional e ideal (da criação, das ideias).

Nível formal: o primeiro nível da realidade linguística, aqui denominado formal, descreve e refere-se aos eventos da realidade percebidos pelo sensorio, podendo ser dito da ‘quinta potência’, por serem contactados através dos cinco canais sensoriais habituais, alimentando as representações internas dessa Forma Conjuntiva de conhecer, agregando palavras (escritas ou faladas) construídas ao longo de compartilhamentos históricos, e denominando nitidamente as representações. Os termos *mar, água, terra, madeira, sal, casa, etc.*,

são exemplos representativos desse grupo; de alguma maneira, posso conferir e conjugar de imediato esses elementos aos aspetos correlatos da realidade: ver, ouvir, cheirar, provar e tocar esses eventos. Neste nível, o fenômeno interativo é sensorial, cinestésico, concreto e imediato; os termos usados são, geralmente, substantivos.

O segundo nível simbólico na representação da realidade, o *Nível Funcional*, descreve os atributos e as relações entre os elementos da realidade, nos seus aspetos funcionais e dinâmicos. Os movimentos, acontecimentos, a ação, sua concatenação e atributos (em termos de quantidade e qualidade) se encontram retratados neste grupo de símbolos caracterizados por possuírem antônimos. São verbos, substantivos e principalmente adjetivos como: subir-descer; silêncio-ruído; alto-baixo; claro-escuro; lento-veloz; etc. As ‘representações’ são, neste grupo, mais dinâmicas, amplas e abstratas. Poderão ser gráficos e desenhos, representações de trajetórias, estratégias e sequências, etc. É a observação dos fenômenos que permite enunciar ‘leis de funcionamento’. Neste nível, o indivíduo interage referindo-se ao mundo das formas, abstraindo-se em apreciações e qualificações polares, muitas vezes cíclicas.

Finalmente, o terceiro nível ou grupo de símbolos, aqui denominado *Nível Ideal*, não tem raízes imediatas nas esferas da realidade percebidas pelo sistema sensorial biológico. São símbolos que se referem a metaproduções de diversas qualidades, ou metapercepções, oriundas de intuições, inspirações e inferências construídas a partir dos níveis anteriores; são criados para tentar explicar, cientificar e compreender os princípios da realidade, para completar falhas perceptivas, esboçar novas descrições, generalizar, simplificar, categorizar, justificar, normalizar, legalizar e ilustrar fenômenos. Esses

símbolos se caracterizam: 1) pela impossibilidade de usá-los para etiquetar elementos objetivos da realidade, portanto, pela ausência de categoria singular, 2) por serem definíveis com o uso de palavras coligadas e do mesmo nível (como os coletivos)³⁶. Trata-se da expressão de ideias engenhadas e introjetadas pelo intelecto racional, a partir da depuração, por abstrações progressivas, das representações e padrões esteticamente apreciados. Quando simpáticos com a forma conjuntiva de conhecer, processando e construindo conhecimento por expansão e conjunção do estado-de-ser em busca do mundo e do outro, reportando aos elementos naturais e aos seus princípios: os símbolos fluirão com eucinesia, evocando significações evidentes, cristalinas, através dos diversos níveis, escalas e fases da criação e do estado-de-ser. Quando antipático aos princípios da realidade apreendida, conhecível de forma conjuntiva, como quando elaborados e codificados em esferas dissociadas, privadas, reservadas, ou à luz dos paradigmas dualistas, impositivos, os seus significados serão turvos, confusos como confabulações, e os efeitos da sua presença, rondando no sistema cognitivo, tenderão a ser desintegradores.

Estados fisiológicos como repouso, desatenção, sonolência, sono, e do outro lado, pleno acordar, extrema atenção, e, ainda estados ‘alterados’ ou ‘modificados’ em relação aos limites de base (por excesso de estímulos, ou substâncias etc.) não transformam essa forma de conhecer, e sim reduzem ou extrapolam a sua funcionalidade ou modo de funcionamento. Nem tudo o que transita pela Forma Conjuntiva de conhecer amadurece em conhecimento claro e preciso, bem definido.

³⁶ Exemplificando com a frase: a *humanidade é o conjunto dos seres que pertencem à espécie humana*: não se tocam, cheiram, observam, etc., os conceitos apontados nessa frase em itálico a não ser ‘aos olhos’ da imaginação abstrata.

Conhecer

Trata-se de uma gradação cujo centro é nítido, mas não fixo, na dependência da focalização da atenção, e a periferia indo aos poucos se dissolvendo, se diluindo, tornando-se confusa, escapando ao âmbito do saber em formação. Nessa gradação e focalização da atenção é que surge o conceito epistemológico e psicanalítico de subconsciente. Os influxos transitando informações e conhecimentos oriundos dessas áreas desfocadas, imprecisas, em diversos estados fisiológicos, não caracterizam formas diversas de conhecer, mas modos diversos da mesma forma. Os diversos estados, atributos, modos da forma conjuntiva de conhecer se intersectam e entrelaçam na formação de um conhecimento em fluxo evolutivo - como várias plantas entrelaçadas formando a vegetação de uma cerca viva em crescimento. Os fenômenos mnemônicos, estratégias pré-configuradas e blocos de sentidos, os fatos da imaginação, antecipando trajetórias e rumos, são capacidade, ou faculdade, gerais, perenes, condicionando todos os atos de conhecimento, não caracterizando, em si, formas específicas de conhecer. Essas capacidades são extensões naturais da forma básica, conjuntiva, de conhecer: são faculdades inerentes à capacidade de sentir, de ser ciente, responder e atuar ao nível celular, sináptico, da rede neural. Contudo, como se denotará no estudo da *Forma Autônoma* de conhecer, as faculdades da imaginação, fantasia e memória, funcionando com intensidade, de modo dirigido ou espontâneo, alheando fortemente o sujeito da forma basal, ou conjuntiva, de conhecer configuram, outra forma de conhecer, numa apreciação diferencial mais quantitativa que qualitativa.

5.2 Forma imperativa de conhecimento

O símbolo dessa Forma Imperativa é uma pirâmide aguda como uma cunha. A postura é estratificada, hierarquista. A pirâmide se refere à forma simbólica através da qual se experimenta essa forma de conhecimento, apresentado na forma de normas, avisos, observações, balizamentos muitas vezes carentes de explicações - imposições simples, créditos ou cessões aplicados metodicamente. Na configuração societária vigente, o estado-de-ser está envolvido, engessado, colocado dentro de uma câmara pertencente a essa pirâmide. A postura dessa forma de conhecer não é mais circular, e sim hierarquizada, feita por degraus. Não há pedidos, ou solicitações, mas mandamentos e ausência de diálogo. A força e a repetição regem o processo formativo, trata-se de conhecimento a ser ingerido, pré-programado por agentes especializados, alheios, fora de alcance: agentes formadores, numa reação em cadeia, descendo do topo, transmitindo e divulgando, alargando, até a base. Um conhecimento fundamentalmente sociocultural, repassado por agentes formadores de opinião, educadores, em ambientes específicos onde receptores, ou alunos, se alinham numa posição muitas vezes inferior, em frente aos instrutores cercados por símbolos do poder. O conhecimento é filtrado e condicionado em função de metas societárias, culturais, políticas e econômicas pré-definidas. A forma de conhecimento muda radicalmente de conjuntiva para imperativa no surgimento das diversas formas de assédio; fecha-se o fluxo, congela-se o movimento, um agente impositivo aplica uma restrição ao processo de conhecer. Nos intervalos entre esses processos imperativos de conhecimento, o exercício e entrada em operação da forma conjuntiva, retorna como se

fosse num recreio. As duas formas coexistem sempre, podendo vir a dominar a Forma Imperativa quando o indivíduo se imobiliza, perfazendo roteiros nos seus encaminhamentos e atos, de acordo com as mesmas regras, demandas, compromissos e ordens.

O estado-de-ser, tutelado pelos modos e filtros educacionais peculiares a uma cultura, no momento histórico de uma civilização, encontra-se como afundado numa caverna – a caverna de Platão, evocada por Sócrates - numa das câmeras dessa pirâmide. A Forma Imperativa é essencialmente sociocultural e política: no sentido de incidir sobre a sociedade a partir de grupos de poder; de veicular instruções e informações codificadas em linguagem (linguística propriamente dita – escrita, gramática e matemática); fortemente incorporada aos usos e costumes, essa forma se amplia, tornando-se predominante em todos os aspectos fundamentais da causa pública. Quando essa forma não está a serviço sincero da comunidade e do seu crescimento abundante em busca da plenitude humana e maioridade, mas a serviço de interesses peculiares, em busca de restringir e conformar cidadãos a padrões existenciais (localização, trabalhos, lazer, conteúdos cognitivos) essa forma será suportada com dificuldade pelo estado-de-ser, gerando patologias. Naturalmente, numa estrutura comunitária, no âmbito de uma família saudável, a Forma Imperativa se justifica com parcimônia, tende a se localizar e se limitar em torno da educação de crianças e indivíduos ainda não dotadas de razão, buscando fornecer instrumentos necessários à salvaguarda e crescimento seguro no confronto com os perigos do meio e enfrentamento das pulsões oriundas dos instintos.

A Forma Imperativa é, igualmente, uma forma específica de conhecimento, porque veicula informações específicas: como padrões,

imagens, vocabulários ligados aos conceitos de nações, partidos, economia, seitas e religiões. Os conteúdos típicos dessa forma pertencem ao Nível Ideal da linguagem; um nível, para os indivíduos ainda inábeis nos misteres das abstrações típicas do cientismo sociocultural, algo distante e de difícil alcance. Alguns desses termos são inerentes à cultura veiculada por essa forma de conhecimento imperativa como: estado; nação; governo; feudalismo; patriarcalismo; escravidão; inflação; socialismo; constituição, emenda, tradição; emprego, produto-nacional-bruto, índice de preços ao consumidor, renda per-capita, superávit primário, sistema monetário etc., conceitos exigindo algum grau de aprendizagem, ou mais precisamente, de ‘iniciação escolar’ para poder significar. São justamente esses conceitos e termos mais abstratos e distantes da “realidade objetiva”, quando criados e engenhados a partir e de dentro dessa Forma Imperativa de conhecer e organizar que são capazes de gerar fortes emoções (emoção: pôr em movimento), construir ou destruir civilizações, destruir indivíduos, povos e até mesmo o planeta. O ‘Nível Ideal’ da linguagem, a expressão magna, a flor do intelecto, é apto a igualmente gerar conceitos como: deus; deusa; realizar; ecologia; sinergia; amor; holismo; consciência; cosmos; princípios; humanismo entre outras, estabelecendo um nível criativo e causal no diálogo da humanidade com a criação.

Quando atrelado à Forma Conjuntiva de conhecer, o impulso de conhecer frutificando nos ideais se expande e se abre em busca do outro e da comunhão dos seres, ampliando o conhecimento, a intuição, a admiração, o respeito à grandeza do Ser-Natureza; quando atrelado à Forma Imperativa de conhecer, o impulso se comprime comprimindo a natureza, diminuindo e cristalizando o estado de ser. A natureza em si,

e a natureza humana passam a ser subjugadas em vez de ouvidas; invadidas em vez de compartilhadas; caladas, padronizadas e objetificadas como um sistema ou máquina; a vida se deprime em vez de, criativamente, se libertar em busca de alegria e êxtase.

A predominância intensa das estruturas da Forma Imperativa de conhecer, assim como a dependência e fascinação dos seres dessa forma tutelados, impedem os intelectuais dos diversos segmentos da sociedade em encontrar soluções - até mesmo quando o sistema social, político e econômico se distorce ao ponto de romper ou implodir em contradições. O afastamento e a profunda inibição da forma conjuntiva de conhecer obstinam na direção de mais controle e rigidez até ao congelamento filocrático e o final fracasso do projeto filosófico humanista. Fenômenos reativos, individuais, grupais, sociais³⁷, são apenas possibilidades resultantes do diálogo entre as formas de conhecer – assim como suas fases, gradações, nuances e fisiologias – e não a manifestação sob outras formas. Uma superação e transcendência da Forma Imperativa é possível, como se saindo da caverna em busca do topo do mundo, fazendo da pirâmide algo assimilado, integrado ao triângulo de base da forma conjuntiva, com criatividade, superando as interpretações a serviço dos interesses dirigentes rondando a pirâmide e, pouco a pouco, encontrando uma luz clara. Finalmente, já plenamente acordado, caminha livre, iluminado de universais, na forma do conhecer e pensar dos filósofos: o ser aprende a viver na forma do seu próprio entendimento, em sua maioria.

³⁷ Como os movimentos investigados pela psicologia individual e de massa – transes, manifestações inconscientes, certos insights no sentido de compreensão repentina, em geral intuitiva, de suas próprias atitudes e comportamentos, de um problema, de uma situação., etc.

5.3 Forma autonômica de conhecimento

O símbolo da Forma Autonômica poderá ser um círculo rondando uma estrela de cinco pontas, localizado no âmagô do triângulo inicial; ou, uma imagem, como o famoso desenho de Leonardo da Vinci: o homem de Vitrúvio. A postura é de introversão, expressão íntima, como uma realidade virtual, da experiência de ser vivo. O círculo se refere à configuração postural através da qual se experimenta essa forma de conhecimento, submergido nas experiências privadas, do lado de cá das nossas peles, vivendo interiormente nos níveis mais profundos da fantasia, imaginação, estruturas mentais e elementos de memória. Esta forma de conhecer se realiza num espaço interno apto a ser caricaturado imaginando-se o indivíduo mergulhado num tanque de isolamento, banhado num conteúdo oleoso, de alta densidade e à temperatura ambiente: o corpo flutuando, as portas dos sentidos fechadas pelo isolamento da luz, do som e outros influxos: flutua-se sem discriminar as sensações. Uma substância relaxante facilita o processo induzindo mais imagens hipnógenas. A atenção, sem objetos, se retrai, amorfa, para o interior do ser, dissoluta em representações; o conceito de 'Eu', ancorado nas definições corporais em primeiro lugar, se desprende, o sentido de orientação se desfaz. As fantasias acontecem em ondas, às vezes caóticas outras vezes organizadas: tudo dependerá do contexto imediato do sujeito, preocupações e estado fisiológico. Significados simbólicos poderão revelar compreensões e descobertas, uma profusão de imagens nunca vistas, portas abertas para a glória de sonhos grandiosos, ou miséria de pesadelos, mas, sempre passíveis de

transformações. Sonhos representam expressões dessa forma de conhecer, sendo os delírios expressões distorcidas, patológicas.

A estrutura dessa forma é complexa, pentangular, ou pentagonal, por apresentar aspetos: 1) psicossomáticos, 2) afetivos, 3) criativos, 4) iluminadores, e 5) místicos. *Componente psicossomático*: caracterizado pelo surgimento na consciência de conteúdos pessoais novos, antes inconscientes ou pré-conscientes, muitas vezes associados a sensações corporais com possível resolução ou amenização de conflitos e tensões. Uma psicodinâmica curativa onde ab-reações e catarses são possíveis e positivas, permitindo reviver experiências armazenadas na memória sob em outros ângulos; um processo resultando em reavaliação da maneira de ser. *Componente afetivo*: o mergulho na realidade interior pode evocar sentimentos e emoções, sensações benévolas, elementos intensos de júbilo, paz, como também, pressentimentos inquietantes, medos, ansiedades, angústia e amargura. *Componente criativo*: é a faceta artística da experiência, em estilos diversos: padrões melodiosos e figurados ou cacofônicos e abstratos. A intensificação e reorganização das representações e memórias permitem o afloramento de sinestésias: as imagens pulsam com beleza, poder e vida, ou então, se dissolvendo em sensações inquietantes. Novas ondas e formas se revelam: a imaginação povoa-se de produções nunca vistas, abrindo a consciência para o fantástico, o imaginário, o criativo; ou um vazio inquietante, uniforme e opressivo. *Componente iluminador*: é a faceta noética da experiência onde surge um conhecimento caracterizado por intuições, pensamentos luminosos, ou aparências enganadoras, mascaramentos. As inter-relações entre os diversos níveis e dimensões são melhores captadas no fluxo das abstrações; surgem visões e compreensões mais complexas, metafóricas, integradas ou conflituosas. *Componente*

místico: o senso de "eu" tende a se dissolver, surge uma consciência de fluidez, da relatividade dos limites; sentimentos de integração ou desintegração em relação à totalidade, transcendência e caos. Os mistérios da vida, da existência, da consciência se evidenciam de modos indizíveis. O tempo e espaço, sujeito e objeto, são vivenciados e percebidos além das dimensões habituais; um conjunto infinitivo de força, contrastes e mistério: inefável, a experiência está além do poder das palavras, essencialmente indizível, ou dúbia: podendo, contudo, ser sugerida pela arte, comédia ou drama. Os paradoxos lógicos são vivenciados: os indivíduos podem se sentir num tempo só finitos e infinitos, limitados e ilimitados, grandes e pequenos, magníficos e horrendos. Ao longo da vivência, orientações abertas e conjuntivas, inclinam-se à prática do respeito, encorajando a expressão dos níveis mais elevados de virtudes, agregadas das injunções, pressão e proibições restritivas, típicas da forma imperativa de conhecimento; se enlaçam contribuindo na construção de um 'templo interior' impulsionando processos existenciais equacionados entre polos basicamente antagônicos. De um lado processos tendentes em direção à harmonia e união ou tendentes a demonstrar desarmonia e antagonismo - expressando uma realidade interior intermediária.

5.4 A forma autoconsciente de conhecimento

O símbolo da Forma Autoconsciente é um sol. Um sol, no topo da montanha do ser, firmando níveis elevados de paz e serenidade, de uma compreensão calma e sensível; postura contemplativa. Se alguém pudesse vislumbrar o quanto está envolto em valores ilusórios, sociedade de etiquetas e modismos, estaria próximo dessa forma de

conhecimento. Caso isso acontecesse, seria talvez um choque difícil de ser assimilado, ofuscante: no centro do estado-de-ser enxergaria a sua conexão com o mundo. De um lado, contemplaria as sombras onde impera o medo da morte, o apego às coisas julgadas proveitosas e boas de acordo com os interesses mais singulares e privados; de outro, um mundo de amplas interconectividades onde tudo se revelaria adequado e perfeito. À luz mais clara desse conhecimento e consciência solar, revela-se uma humanidade vivendo a partir e conforme os filtros da cultura, dos preconceitos alimentados e construídos pelos sofistas que contam os acontecimentos e constroem a história. Um mundo fantasmagórico a serviço da individuação mais rude e dominadora: o mundo dos homens recursos (RH) conformados a encarnar os perfis estatisticamente desenhados pelos projetistas do sistema, cientificistas a serviços dos tiranos. O que antes parecia genuíno revela-se revestido de mentiras e estratégias. Descobre-se que problemas julgados difíceis não são mais que efeitos colaterais de um desejo ignorante de querer manter a exclusividade rígida de domínios. Tudo parece de repente invertido: marginalizado, no introito da caverna, o indivíduo acordado está só, isolado na sua lucidez; entendendo os impulsos profundos e determinismos causadores desses usos, costumes, modos de ser e proceder. Salvo do antropomorfismo, chauvinismo e facciosismo, opacidades retóricas, preconceitos, superstições, dogmatismos, capta-se o jogo das forças históricas e sociais, das contingências biológicas e naturais das principais doutrinas da cultura. Por carência de uma plena autoconsciência, falta de habilidade cognitiva mais abrangente, os animais suspendem as suas lutas tão logo as suas necessidades imediatas sejam satisfeitas; o ser humano, ofuscado pelo farol da consciência, preso aos usos e costumes animal,

não consegue enxergar claramente a profunda interdependência dos fenômenos, sendo levado, num galope, embalado, em direção a um desastre humanitário e ecológico. A consciência de si, como recurso evolutivo, atrelado à estratégia vivencial anterior, atinente aos animais, onde o impulso vital se executa a partir de uma consciência mais elementar, transcrita em instintos de sobrevivência, só pode levar aos resultados envergonhando os elementos mais conscientes da sociedade humana. O domínio dos mais astutos e violentos pela “arte da guerra”, do monopólio econômico, do controle da informação e manipulação genética só poderá resultar em fracasso global. Na impossibilidade de se regredir, a solução surgirá por intermédio de um nível evolutivo, superior de consciência, implicando essa forma de conhecimento, demonstrando que juntos com toda a natureza, somos um só ser: a consciência universal, ou cósmica, a verdadeira consciência eco-humanista. A virtude essencial dessa forma de conhecer é saber dar valor à percepção de que somos um só ser com a totalidade do sistema; que não somos filhos de cavernas sombrias e sim das estrelas do céu: se pudéssemos compreender dessa forma não haveria problemas essenciais em nossas relações com o tudo e com o outro, apenas, dificuldades acidentais experimentando e fortalecendo as nossas virtudes. Os potenciais do estado-de-ser se revestiriam de surpreendentes e insuspeitas possibilidades; apesar de não poder abranger o absoluto com racionalismos, a magnificência da presença nossa e do mundo, se revelaria em plenitude e perfeição, adquirindo-se a certeza de uma serenidade harmoniosa e perene transpassando todos os estados relativos de ser.

5.5 Forma filosófica de conhecimento

O símbolo dessa forma é um arco-íris refletido em cristais, ou em gotas de orvalho, pelo sol da natureza e da autoconsciência. Trata-se de uma forma de conhecer embasada num posicionamento ético e estético. A Forma Filosófica de conhecer decorre de uma aptidão tripla: 1) o discernimento experienciado da realidade, da natureza do ser e do vir a ser, da unicidade fluida e cambiante do real, da percepção da interdependência, da impermanência, da unicidade e polarização complementar de todas as coisas; 2) ser ciente que a apreciação do estado-de-ser no imo do seu mistério é tributária da mais alta forma de conhecer, trazendo e inscrevendo em si mesma os mitos e a esfera mais fenomênica da consciência; (3) uma lucidez, ou razão qualificada, impelindo ao exercício de escolhas essenciais, do reconhecimento em que a sabedoria coaduna com a virtude: generosidade, do desapego, da amizade, da ponderação, prudência, tolerância e justiça: assim construindo uma comunidade universal e pacífica a partir de si, na sua própria, livre e soberana autoridade. A ética filosófica, saber e caráter humano autêntico, é a expressão de um estado-de-ser que sabe nada dever, emanando o gênio dado pela natureza. Um lugar onde todos se respeitam, prezam e se reconhecem, evidencia um lugar onde cada um se respeita, preza e se reconhece como ser humano legítimo, existencialmente adequado - na linguagem poética dos ancestrais, indígenas e homens de ciência de verdade: filhos do sol e da terra, do universo, do cosmos, das estrelas – dotado do potencial de ser sensato, chamando para si o comando do seu destino, direcionando, com responsabilidade, uma expressão sempre mais plena, atualização mais perfeita.

Somos produtos e produtores de mundos; como cocriadores da vida planetária, a qualidade do divino corresponde à qualidade do divino que somos capazes de imaginar em nós mesmos, na natureza e no outro: para o ser humano de maioridade, o divino é presente como Natureza, visível e vivo nas distâncias estelares, no sistema solar, no planeta, e em cada um dos seres minerais, vegetais ou animais, nas nossas células: somos, todos, pedaços de divindade. Essa forma de conhecimento demonstra como a razão qualificada do estado-de-ser se universaliza, revestindo-se, junto com a natureza, de harmonia inteligível e alegria extática, assim fechando um círculo unitário de compreensão (o *Logos*), uma aliança humanista, universal e sábia, realização e manifestação de um dos frutos magnos da natureza: o ser humano virtuoso, sábio, amigo e verdadeiro. Essa forma de conhecer implica empenhar-se na criação e manutenção de um estado-de-ser sensato e lúcido: uma natureza humana filosoficamente burilada e apta, no intelecto e no sentimento, a compreender, sentir e comungar o resplendor do Belo. Uma arte de ser sublime, renovando-se sem cessar no festejo das estações. Trata-se de um movimento iniciado a partir de si, do interior, zelando e apoiando com fraternidade sincera o bem-estar de todos os seres. Uma vida norteada e acontecendo na prática ativa das virtudes cardeais e da amizade; fenômeno provável numa comunidade onde todos se respeitassem, não num estado de tiranos, estratificado e forçosamente antiético. Uma Forma Filosófica de conhecer, criativa, alegre, inspirando amor e beleza universal: o belo, o bom e o bem. A formação desse modo de conhecer nada exige além do anuir com essa responsabilidade: apreciar a si mesmo e ao outro: considerar o único ser que somos junto à natureza, se deixar encantar por essa grandeza e beleza unitária.

Conhecer

A progressiva eclosão do estado-de-ser humano a partir da natureza animal é extraordinária e ímpar: as faculdades cognitivas, percepção, razão e autoconsciência, capacidade de realizar, se configuram como um fenômeno de magnitude capaz de sufocar a biosfera. A capacidade humana de usar símbolos, criar códigos e meios de comunicação, registrar os seus processos intelectivos, divulgar e utilizar esses códigos carregados de informações, resulta numa transformação profunda do planeta. Infinitos potenciais exigem uma prudente e desperta atualização; tudo é possível ao nível da grande comunidade, basta cada um cumprir, em si e por si, o seu destino: deixar-se ser de verdade, existencialmente e eticamente influente e ativo, em conjunção, dialogando. Militar por si, em si mesmo, em busca de progresso nessa ordem virtuosa, é votar em favor de uma humanidade verdadeira. Um estado-de-ser integrado poderá se revelar no cultivo adequado e equilibrado dessa forma pentagonal de conhecer, como uma mão aberta e amiga saudando o presente.

Régis Alain Barbier; Aldeia, Pernambuco, 2009